

MILITIA

ANO VII — N.º 47

ABRIL 1958



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	84
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
A Energia de Paulo Afonso e a Sua Influência no Desenvolvimento do Nordeste — General Carlos Berenhauer Júnior	6
Da Pena no Código Penal Militar — Agnello Camargo Penteadó	16
Impressões de Viagens — 1.º tenente Sérgio Vilela Monteiro	20
Tiradentes — Ten. Cel. Tisiano F. Leoni	26
Eloy Alfaro — 1.º tenente Teodoro Cabete	34
Soldados e Bombeiros — Menotti del Picchia	37
O Planeta da Guerra — Cap. Plínio Desbrousses Monteiro	38
Secção Feminina — Rita de Cássia	44
Insônia — Cel. Alfredo Feijó	54
Sentido Humano do Cinema — Frederico Barros	60
Prá Quê Mais Polícia? — Major F. Vieira Fonseca	64
NOTICIÁRIO	
Visita do Governador do Estado	40
Caixa Beneficente da Força Pública	52
Merecida Homenagem	53
Posse do Primeiro Vice-Presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado de São Paulo	56
Curso de Esperanto	59
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Amazonas e Bahia	68
Distrito Federal (Polícia Militar)	69
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros)	70
Espírito Santo	71
Goiás e Maranhão	72
Mato Grosso e Minas Gerais	74
Rio de Janeiro	77
Rio Grande do Sul	78
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Galeria de Valores	80
RECREAÇÃO	
Secção de Édipo	82

No

Jardim
das
Bolsas

se cultiva
o bom gôsto.

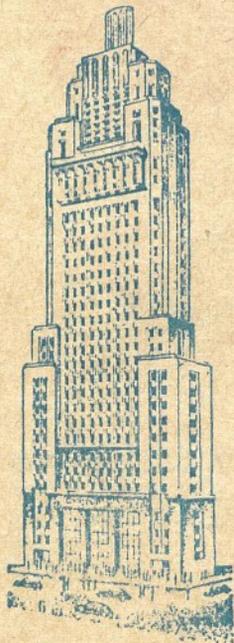
- ★ V. encontrará o que quiser em artigos finos de couro e outras utilidades
- para senhoras
 - para cavalheiros.

- ★ Goze do desconto de 10%.
apresentando sua carteira de associado do Clube dos Oficiais e do Centro Social dos Sargentos da Fôrça Pública.



Dom José de Barros, 288 — Fone 33-5072 — S. PAULO
(em frente ao cine "Ópera")

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RÁPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Parabéns, Polícia-Militar do Distrito Federal! Afinal, que comemoração magnífica do 21 de Abril, dia dos milicianos!

Segundo sabemos, marchas, resoluta e celeremente, pelo caminho a ser palmilhado pelas co-irmãs do Brasil: mobilizas-te e te empenhas, plenamente, nas variegadas modalidades do serviço policial.

Há de frutificar o teu exemplo, para a inteira satisfação da sociedade que nos observa, ansiosa por nos ver integralmente a seu serviço.

Por certo, jamais se esquecerão as Polícias-Militares de que sua organização e existência repousam, essencialmente, nas bases da hierarquia e da disciplina militar. Mas não de compreender como tu, Milícia de Feijó, que tal fato é meio à consecução de alto objetivo e não fim. Convencer-se-ão, afinal, de que o sistema intenta pôr a serviço do povo, para sua segurança e tranqüilidade, o homem selecionado, física, moral e intelectualmente e, profissionalmente, formado com esmero.

Assim concebida a existência de nossas corporações, veremos o miliciano que se ufana da gloriosa farda envergada; que põe, acima de tudo, o ideal de bem servir ao público, em quaisquer circunstâncias; que faz das leis e regulamentos a sua bíblia; que socorre o fraco, é atencioso e prestativo e que, destemido e enérgico, enfrenta os indesejáveis à sociedade e os recalitrantes no desrespeito às normas sociais.

Sem dúvida, Polícia-Militar do Distrito Federal, indicas novos rumos às co-irmãs do Brasil, colocando, a serviço da grandiosa Capital da República, com modernizado emprêgo e aprimorada distribuição, todo o efetivo dos valorosos soldados cariocas.

É um valioso serviço à sociedade e à Pátria e magnífico estímulo às Milícias Brasileiras..

A ENERGIA DE PAULO AFONSO E A SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

Carlos Berenhauser Júnior

Gen. Bda. TR-1

Diretor comercial da CHESF

PANORAMA ENERGÉTICO DO NORDESTE

O Nordeste tem progredido mais lentamente que as regiões meridionais do Brasil, o que, em grande parte, deve ser atribuído à falta de combustível e de energia elétrica. A lenha, que contribui com cerca de 80% na balança nacional, é mais escassa e mais cara do que em quase tôdas as outras partes do País. O carvão de pedra é quase desconhecido. O do Sul do País não chega até lá. O importado é canalizado para atividades essenciais de outras regiões.

Os produtos de petróleo é que têm contribuído para suprir a deficiência de combustíveis. Precisam ser consumidos parcimoniosamente, como aliás é o caso geral do País, para evitar drenagem excessiva na balança de pagamentos. A Refinaria de Mataripe, que constitui para todos nós motivo de orgulho, porque já utiliza o ouro negro do subsolo pátrio, tem ainda pequena produção, que atende apenas aos consumos parciais dos Estados da Bahia e Sergipe.

Os recursos de energia hidráulica da região são pequenos, encontrando-se disseminados em aproveitamentos inexpressivos. Por isso, na produção de eletricidade, a energia primária térmica constitui 75% do total e a hidráulica apenas 25%, situação oposta da que se verifica na média nacional.

As únicas fontes de energia hidráulica realmente importantes se encontram no rio São Francisco, sendo as mais conhecidas as cachoeiras de Itaparica e de Paulo Afonso.

Eis porque, de longa data, as populações nordestinas ansiavam pelo aproveitamento das quedas do São Francisco, em larga escala, para suprir a eletricidade vitalizadora ali produzida a uma grande área do Nordeste Brasileiro.

Seria esta a solução natural para equilibrar a balança de energia do Nordeste no setor eletricidade. Nesse campanha, os nordestinos contaram com o apóio é a simpatia de muitos brasileiros de outros rincões.

APROVEITAMENTO DE PAULO AFONSO

A luta teve êxito afinal, quando a 3 de outubro de 1945, sendo Presidente da República o sr. Getúlio Vargas e Ministro da Agricultura o sr. Apolô-

nio Sales, foram baixados pelo Governo Federal os Decretos-Leis n.os 8.031 e 8.032. O primeiro autorizou a organização, pelo Ministério da Agricultura,

da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco — (CHESF). O segundo abriu o crédito de 200 milhões de cruzeiros para pagamento pelo Governo Federal da parte que lhe fora reservada do capital da Companhia, fixado então em 400 milhões de cruzeiros.

E' da mesma data o decreto n.º 19.706 que outorgou à Companhia concessão pelo prazo de 50 anos, para aproveitar progressivamente a energia hidráulica do rio São Francisco, no trecho compreendido entre Joazeiro e Piranhas, com a finalidade de fornecer energia elétrica em alta tensão aos concessionários de serviços públicos na área compreendida por uma circunferência de 450 km de raio, cujo centro

está em Paulo Afonso, podendo a concessionária, também, respeitados os direitos de terceiros, realizar a distribuição de energia elétrica, na mesma região.

Em fins de 1947, o sr. Marechal Eurico Dutra, Presidente da República, tendo como Ministro da Agricultura o sr. Daniel de Carvalho, determinou a organização da Companhia, tendo sido escolhido para seu organizador o sr. eng. Antônio José Alves de Souza, seu atual presidente, e que, na ocasião, era Diretor Geral do DNPM, já com larga fôlha de serviços prestados à Nação.

A Assembléia Geral de Constituição da Companhia realizou-se em 15 de março de 1948.

A CIDADE DE PAULO AFONSO

Sendo Paulo Afonso, naquela época, uma região praticamente desabitada, para levar a térmo uma obra de tal porte, numa zona tão longínqua e falha de recursos, foi necessário construir um acampamento que hoje é uma verdadeira cidade, capaz de abrigar não só as instalações de serviços (escritórios, almoxarifado, oficinas, laboratórios, depósitos de material, garages, etc.) como também os 4.500 servidores e suas famílias (residências para operários, mestres, engenheiros, médicos, funcionários e hóspedes) e lhes proporcionar ambi-

ente social adequado (grupo escolar, escola de aprendizagem industrial do SENAI, igreja, farmácia, banco, hospital, ginásio, pôsto de puericultura, restaurante, clubes recreativos, campos de esporte, correios e telégrafos, mercado, estação de tratamento d'água, iluminação elétrica, telefones, arborização, etc.).

E' bem de ver que, sem a construção da cidade de Paulo Afonso, não seria possível executar obra tão complexa e pesada em uma época em que os operários especializados escasseiam até nos Estados Unidos.

AS OBRAS DA C.H.E.S.F.

Logo que constituída a Companhia, foram iniciados os estudos, observações e trabalhos necessários à confecção do projeto definitivo do empreendimento.

As obras propriamente da Usina começaram em março de 1949 e constam essencialmente, do seguinte:

Duas barragens, uma denominada barragem Oeste, com 1.163m de com-

primento e outra Leste, com 3.067m de comprimento, que convergem em um ponto próximo do "canyon", na margem direita do rio, um pouco à jusante da Cachoeira. Na convergência das duas barragens acha-se a tomada d'água.

A barragem Leste tem cerca de 2.600m em vertedouro. A barragem Oeste é toda insubmersível. A altura

máxima da barragem é de 22m sobre suas fundações. Em seu conjunto as barragens têm a altura média de 8 metros.

A travessia dos diversos braços do rio é feita com barragens de comportas, sendo 10 no braço principal, 8 no braço do Quebra, 6 no braço do Taquari e 2 no braço do Capuchú.

A barragem Leste tem a capacidade para evacuar, pelo vertedouro, 11.000 metros cúbicos por segundo, e mais 6.000 metros cúbicos por segundo, pelas comportas. Assim, a capacidade de evacuação total é de cerca de 21.000 metros cúbicos por segundo, ou seja, sensivelmente superior à maior enchente verificada que foi de 16.000 metros cúbicos por segundo, enchente catastrófica que inundou Joazeiro.

A tomada d'água situada no extremo sul da barragem é, na primeira etapa, dividida por dois pilares formando três captações ou compartimentos. Para o futuro ela será ampliada formando outras captações, quantas forem necessárias, progressivamente.

Da tomada d'água partem três túneis formando conjunto vertical, descendo cerca de 80m abaixo do nível do solo e fazendo então uma curva de 90°, o que lhes dá, praticamente, uma direção horizontal. Esses túneis, revestidos de chapas de aço, terão, depois de acabados, uma seção circular com 4,80m de diâmetro e o comprimento total de 105m cada um.

A sala de máquinas tem o eixo maior normal ao eixo das tubulações. Seu comprimento é de 60m e a largura de 15m. A abóbada terá intradorso de forma parabólica e será revestida de concreto armado. A sala de máquinas comunica-se com a superfície do solo por dois poços verticais: um de grande

diâmetro, para a entrada da maquinária, e outro de menor seção, para um elevador de serviço.

Os tubos de sucção da turbina convergem para uma chaminé de equilíbrio de 15m de diâmetro. Daí é que parte o canal de descarga, propriamente dito, que tem seção circular com 10m de diâmetro. Sua extensão é de 180m.

O volume total das escavações a céu aberto e subterrânea atingiu, em outubro último, 300.000 metros cúbicos, ou seja, praticamente, o total a ser escavado.

O volume total de concreto a ser empregado é da ordem de 290.000 metros cúbicos, dos quais, até 31 de outubro p.p., já foram colocados 266.000 metros cúbicos, ou sejam 92%.

As turbinas são do tipo "Francis" de eixo vertical, com 83000 HP de potência e 200 rpm, conjugadas diretamente com geradores de 60.000 kW, 13.8000 volts entre fases, 60 ciclos e 98% de fator de potência. Na primeira etapa estão sendo instaladas duas unidades (uma já está completa e a segunda bem adiantada), ficando preparado o local para a terceira unidade, idêntica às duas primeiras e encomendada em fevereiro de 1952. Portanto, em meados de 1954, a potência instalada em Paulo Afonso será de 120.000 kW e em meados de 1955 de 180.000 kW.

A corrente produzida pelos geradores será conduzida por meio de barras através de um poço especial até uma subestação exterior localizada sobre a usina, onde a energia é transformada em alta tensão. Contígua à subestação está a casa de controle onde se faz o comando e medições de todo o sistema e de onde parte o elevador de

passageiros, destinado ao pessoal de operação e manutenção.

A tensão de 13.800 volts dos geradores será elevada para 220.00 volts por meio de dois bancos trifásicos de 67.500 kWA cada um, até um jôgo de barras, de onde partem duas linhas de 220.000 volts, sendo uma a Linha Norte até Recife, com uma extensão de 405 km e a outra a Linha Sul até Salvador, com uma extensão de 456 km. Aproximadamente a meio caminho de cada uma dessas linhas serão instaladas duas subestações 220.000/66.000 volts, sendo uma em Angelim, Pernambuco (Linha Norte) e a outra em Itabaiana, Sergipe (Linha Sul), as quais, juntamente com as de Recife e Salvador, permitirão suprir de energia as principais cidades e centros industriais.

As linhas de 220.000 volts são de circuito simples, montadas em tôrres de aço galvanizado. As cadeias de isoladores serão de dois tipos: simples, de suspensão, com 16 discos, e duplas, de tensão, com 18 discos. O circuito está protegido por dois cabos para-raios de aço galvanizado. Cada linha poderá conduzir potências até 120.000 kW.

Tanto a linha Norte como a Sul já estão com suas montagens terminadas, a primeira desde janeiro e a segunda desde julho de 1953.

A construção das subestações de Recife e Salvador também já vai bem adiantada.

A primeira etapa do empreendimento estará concluída com a execução do Sistema Secundário de Transmissão, o qual irradiando das quatro

subestações de 220.000 volts levará energia de Paulo Afonso a cêrca de 50 localidades diferentes situadas nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Cêrca de 50 das maiores indústrias já existentes poderão também beneficiar-se com a energia de Paulo Afonso.

O Sistema Secundário constará do seguinte:

977km de linhas de transmissão de 66.000 volts (sendo 60 km em linha dupla)

178 km de linhas de transmissão de 13.200 volts.

O orçamento total das obras de Paulo Afonso na primeira etapa, inclusive o Sistema Secundário de Transmissão, é o seguinte:

Em moeda nacional Cr\$
1.100.000.000,00

Empréstimo no Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (155 milhões de dólares) Cr\$
280.800.000,00

Total — Cr\$ 1.380.800.000,00

A parte em moeda nacional é constituída do capital de 800 milhões de cruzeiros e do empréstimo de 300 milhões de cruzeiros concedidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. O capital é dividido em 600 milhões de cruzeiros de ações ordinárias, subscritas pelo Tesouro Nacional, e em 200 milhões de cruzeiros de ações preferenciais, subscritas por Governos Estaduais e Municipais, autarquias, bancos e particulares.

MERCADO CONSUMIDOR

Desde sua instalação, a Companhia estuda cuidadosamente o seu futuro mercado consumidor.

A pesquisa dos mercados teve de ser iniciada, como é óbvio, pelas regiões de maior desenvolvimento econô-

mico e de maior densidade demográfica, de vez que não seria possível abranger todo o território da concessão, imediatamente.

Convém não perder de vista que a zona da concessão abrange uma área imensa, compreendendo 347 municípios, que se situam em 8 Estados da Federação: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Essa área de 516.00 km² é pouco inferior ao território da França, maior que o da Espanha e maior que a Itália e o Uruguai juntos.

Será interessante assinalar que cerca de 90% da área da concessão está localizada dentro do chamado "Polígono das Sêcas".

Inicialmente, foram selecionados para estudos 219 municípios dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Posteriormente os levantamentos se estenderam a algumas regiões do Rio Grande do Norte e a 25 municípios da Região do Cariri, que compreende o Sul do Ceará, Noroeste de Pernambuco e Oeste da Paraíba. Os levantamentos estão sendo estendidos progressivamente a outras partes da zona da concessão.

A população recenseada, em 1940, na zona da concessão da CHESF, isto é, nos 347 municípios anteriormente referidos, era de 8.861.210 habitantes, representando 21,5% da população total do Brasil, no mesmo ano. O novo recenseamento de 1950 indica o total de 10.966.052 habitantes, representando 20,8% do total brasileiro recenseado no mesmo ano, que foi de 52.645.479 habitantes. Houve ligeiro decréscimo percentual.

A principal atividade econômica da região é agricultura, embora ainda não tenha atingido desenvolvimento sa-

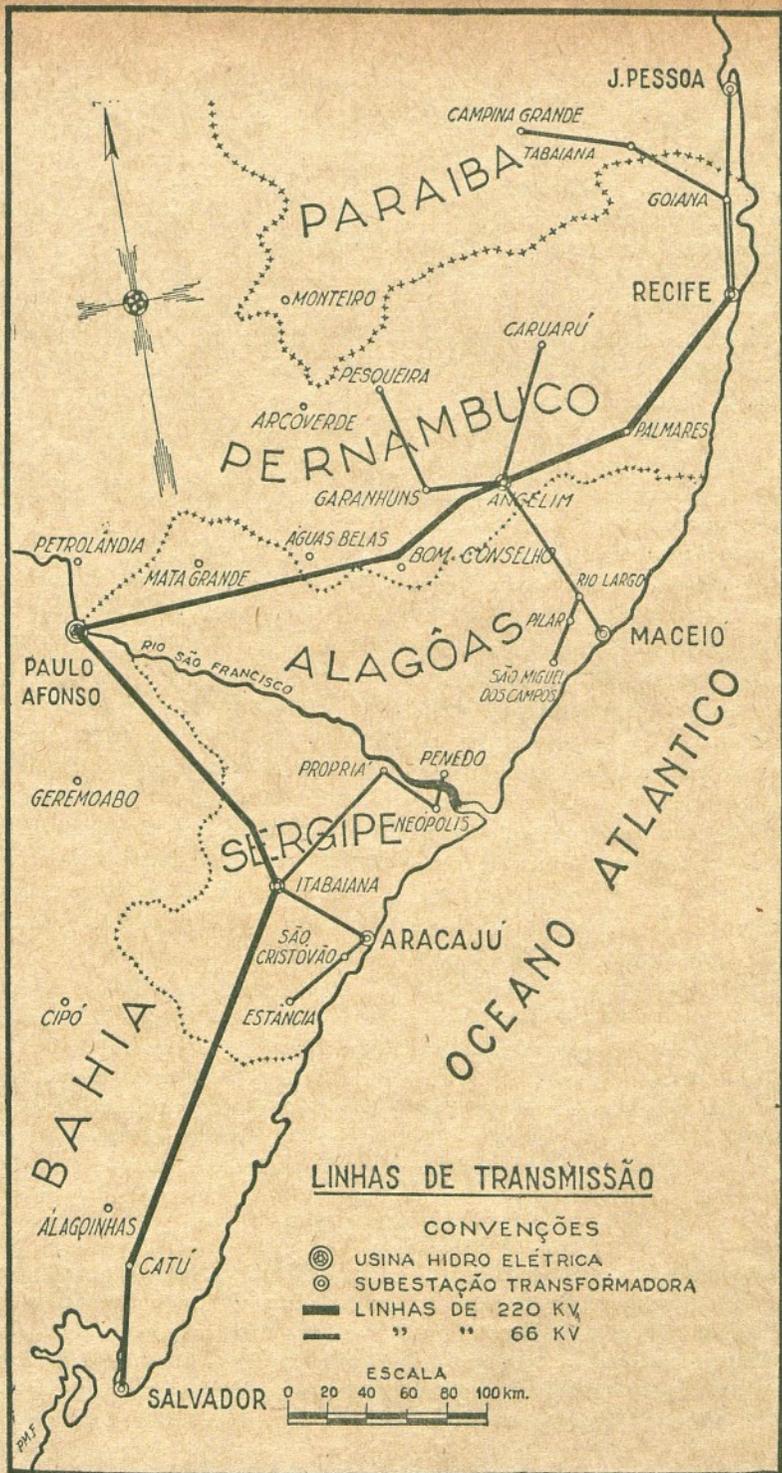
tisfatório, devido ao emprêgo de processos rudimentares de cultivo da terra, salvo raras exceções, como no caso da lavoura da cana-de-açúcar. A maior cultura da região é exatamente esta, sendo que o conjunto dos 5 Estados, isto é, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, representava, em 1949, cerca de 36,3% da produção total do Brasil. É interessante observar, entretanto, que, percentualmente, essa produção vem decrescendo, pois, em 1946 era de 38,8% e em 1940 de 40,8%.

As outras culturas mais importantes são o algodão, a mandioca, o milho, o feijão, o fumo e o côco-da-praia.

A área cultivada em 1940, correspondia a 13,7% do total brasileiro, ao passo que a produção representava 15,3% da produção nacional. Em 1950 essa área já subia a 2.622.502 hectares, representando 14,7% do total brasileiro, e a produção representada 13,5%. Verifica-se daí que o custo da produção no Nordeste foi mais baixo que no resto do Brasil, o que aliás também traduz maior pobreza da população rural.

A indústria extrativa vegetal se concentra sobretudo na produção de fibras, tais como: caroá, agave e sisal, e de certas sementes oleaginosas como o babaçu, a carnaúba, etc. Em 1950, o valor da produção extrativa vegetal no Nordeste representava 7,3% do total brasileiro, quando em 1940 era de 2,0%.

A produção extrativa mineral é relativamente pequena. Apresenta todavia perspectivas animadoras. Em 1950 representava 4,9% da produção total do Brasil. Com a pesquisa mais eficiente do subsolo nordestino, inúmeros outros produtos minerais deverão ser descobertos, tal como foram há pouco tempo importantes jazidas de fosforita, nas proximidades de Recife.



Quanto à parte industrial, predominam as indústrias de açúcar e de tecidos. A indústria do açúcar é a principal da região. Tem-se desenvolvido permanentemente, mas, convém insistir, vem perdendo progressivamente sua posição de destaque no conjunto da produção açucareira brasileira.

A indústria da fiação e tecelagem, dentro da qual sobressai o fabrico de tecidos de algodão do tipo popular, é a segunda em importância na região.

O valor absoluto da produção industrial tem aumentado. Entretanto, percentualmente, entre 1940 e 1950, houve ligeiro decréscimo, sendo respectivamente 10,6% e 9,3% naqueles anos sobre os totais do Brasil.

Os serviços de eletricidade no território da concessão da Companhia são em sua maioria alimentados por usinas termelétricas (75% da capacidade total). Não atendem às necessidades nem mesmo para iluminação pública e particular. Operam na dependência da lenha, transportada, muitas vezes, de grandes distâncias, ou de combustíveis importados.

Os equipamentos de produção são obsoletos e desgastados, sendo elevada a despesa de operação e manutenção.

As indústrias há muito não contam com fornecimento adequado, obrigando muitas delas a montarem suas próprias instalações produtoras de energia. No interior, esta situação assume aspecto

mais grave. Mesmo as cidades mais importantes não contam com fornecimento adequado e econômico de eletricidade, o que tem impedido a implantação de certas indústrias que poderiam ali se estabelecer.

Em 1941, a capacidade instalada em usinas elétricas no território da concessão da CHESF era de 85.445kW, representando 7,1% do total brasileiro que atingia a 1.202.500 kW. Em 1950, a potência instalada na região elevou-se para 110.000 kW, representando 5,85% do total brasileiro que alcançou 1.882.500 kW.

Nota-se, portanto, que no período de 10 anos, a potência instalada na área de influência da CHESF, elevou-se apenas de 28,7%, ao passo que o acréscimo para todo o Brasil foi de 56,5%.

Examinando atentamente a evolução das principais atividades econômicas da região, há de concluir-se que o Nordeste se manteve estacionário no período examinado. Ainda mais, nenhum dos índices, anteriormente alinhados, sobre os totais brasileiros, atinge de perto a relação entre a população regional e a do Brasil.

Está claramente visível a razão do êxodo das populações nordestinas, que procuram as regiões do Sul do País, em busca de trabalho mais remunerador. Não fôsse o excepcional índice de natalidade, o Nordeste já estaria com sua população muito diminuída.

CONCLUSÃO

A energia elétrica de Paulo Afonso terá, em todos os setores econômicos do Nordeste, decisiva influência: na agricultura, promovendo a possibilidade de irrigar terras semi-áridas, tornando-as permanentemente produtivas; na indús-

tria, proporcionando meios para o seu maior desenvolvimento e rendimento da produção; nos transportes, com a eletrificação das ferrovias, evitando a devastação das escassas reservas florestais nordestinas, e tornando essas ferrovias

mais eficientes para dar escoamento à produção agrícola e industrial; no padrão de vida das populações, assegurando-lhes maior bem-estar, com a possibilidade de utilizar modernos aparelhos domésticos, até então pouco empregados no Nordeste.

Enfim, inúmeras outras aplicações farão com que a energia elétrica produzida em Paulo Afonso se torne um fa-

tor preponderante no desenvolvimento econômico e social do Nordeste.

Finalmente, será oportuno referir que a Companhia Hidro — Elétrica do São Francisco constitui um exemplo característico de como a iniciativa governamental, através de uma sociedade de economia mista, pode proporcionar um elemento básico de progresso a uma região que tanto d'ele carece.

(Transcrito do n.º 129, da "Revista do Clube Militar", cuja direção nos cedeu, gentilmente, os clichês que estampamos).

Consumir

E' um dever de patriotismo.

Produtos

E' contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção.

Nacionais

E' ajudar a libertação
econômica do Brasil.

De nada vale, pois, debater idéias com aquêles que têm as "suas idéias" e as conservam, apaixonadamente, mais pelo sentimento do que pelo raciocínio.

RENATO KEHL

DA PENA NO CÓDIGO PENAL MILITAR

Uma das conseqüências jurídicas do crime é a imposição, ao seu autor, de uma pena já prevista para a espécie, em legislação própria. É a pena, segundo Sebastian Soler, o renomado autor argentino, um mal, ameaçado primeiro, e logo imposto ao violador de um preceito legal, como retribuição, consistente na diminuição de um bem jurídico, e cujo fim é evitar os crimes. É o mal, na palavra de Galdino Siqueira, que o Estado, em virtude de lei anterior, por seus órgãos competentes e processo judicial, inflinge ao delinqüente por motivo de seu delito e com o fim de evitar novos delitos.

Como instituição jurídica, é um sofrimento que o poder público impõe após um determinado fato ilícito para o seu autor. Consiste a sua natureza ou essência na retribuição jurídica. Apresenta ela sempre o caráter de uma retribuição, de ameaça de um mal, que se tornará efetiva mediante os órgãos do Estado e com um procedimento prefixado, contra o autor de um delito. Por ser retribuição, ela se distingue das demais sanções, que somente visam reparar o mal causado como, por exemplo, a indenização por perdas e danos. Importa a pena, em seu primeiro momento, numa coação moral, pela qual se contrapõe à prática do delito. O caráter de retribuição da pena se baseia em que o indivíduo que procede mal deve pagar esse mal como é justo, e é justo que sofra um mal igual ao crime que praticou, originando uma das teorias sobre os fins da pena.

Agnello Camargo Penteado
(Juiz Auditor Suplente da Justiça
Militar do Estado de S. Paulo).

Para outros, a aplicação da pena ou a sua ameaça constituem um modo de prevenir as violações futuras — e isto quer na medida em que a ameaça ou a execução dêsse mal agem sobre a generalidade das pessoas, intimidando-as e desviando-as da prática do crime (prevenção geral), quer na medida em que atuam sobre o agente do crime num sentido segregador, reeducativo ou corretivo, adaptando-o à vida social, ou num sentido intimidativo, dando-lhe consciências da seriedade da ameaça penal (prevenção especial), como muito bem ensina o prof. Belezá dos Santos.

A prevenção geral age pela cominação e pela execução da pena, advertindo e intimidando a generalidade dos cidadãos; a prevenção especial impede a prática de novos crimes pelo mesmo delinqüente, através a intimidação, a emenda e a segregação. São os fins utilitários da pena.

Lembra Eusébio Gomez que, ao ser tratado o instituto jurídico da pena, deve ser aquilatado o valor da afirmação de seu fracasso como instrumento de luta contra a criminalidade. Tal afirmação se repete desde muito tempo e em todas as partes, sob a impressão desconcertante que provoca o fenômeno da reinci-

dência. A prevenção do delito, continua esse insigne autor, escassamente manifestada, todavia, não consente, por ora, nem a impressão de um futuro em que a secular instituição deixe de ser imprescindível. Não o consentirá jamais, porque as previsões científicas e legislativas — humanas, enfim — não podem conter, em sua enorme complexidade, o determinismo do mal que se pretende combater. Esse determinismo, por outro lado, não será superado nunca, integralmente. A influência de causas naturais na produção do delito, inegável como é, bastaria para justificar tal verdade. Há de subsistir, portanto, a pena, como imposição da fatalidade do crime.

Doutrinariamente, costumam ser as penas classificadas em corporais, privativas da liberdade, restritivas da liberdade, pecuniárias e privativas de direitos.

As penas admitidas no Código Penal Militar pátrio, dividem-se em principais (art. 39) e accessórias (art. 49). Constituem as primeiras as penas de morte, reclusão, detenção, prisão, suspensão do exercício do posto ou cargo e reforma, enquanto que as segundas, ou sejam as accessórias, incluem a perda do posto ou patente, exclusão das forças armadas, perda de função pública, eletiva ou de nomeação, e interdição de direitos.

A multa, com que são apenados muitos dos delitos comuns, não é prevista no C. P. Militar, por reconhecida inadequada à punição dos delitos especiais; nele agasalhados.

A pena de morte, determina o Código Penal Militar, seja executada por fuzilamento e somente apenas crimes cometidos em tempo de guerra, assinalando o Código de Justiça Militar, em seus arts. 381 e seguintes, os pormenores da execução.

As penas de reclusão e detenção, quando applicadas por tempo inferior a dois anos, são convertidas em pena de prisão, cumprindo-a, os officiaes, em recinto de estabelecimento militar, e, as praças graduadas, em prisão militar. A pena de reclusão, por sua vez, pode, a pedido do condenado, ou por vontade judicial, ser convertida em detenção, desde que aumentada no máximo da décima parte. A condenação da praça ou graduado à pena privativa de liberdade por tempo superior a dois anos, importa na sua exclusão, e do Official, à perda do posto e patente, o que acarreta também a perda das condecorações.

Não admite o Código Penal Militar a suspensão condicional da pena, ou seja, o "sursis", permitindo, todavia, o livramento condicional, que poderá ser concedido pelo Juiz ao condenado que houver cumprido mais da metade da pena superior a três anos, satisfeitas as condições impostas para tanto, exceptuando-se as hipóteses de crimes essencialmente militares ou praticados em tempo de guerra. (art. 80).

A titulo de curiosidade, e para um confronto das actuaes penas mantidas pelo vigente Código Penal Militar, que é o mais moderno do Brasil, posterior ao C. Penal comum, com aquêlle que vigorou em nossa época colonial, inclusive para os militares então a êle sujeitos, o Livro V das Ordenações Filipinas — "misto feroz de despotismo e beatice" no dizer de Batista Pereira — possibilitando aquilatar do progresso desenvolvido pela ciência penal, enumeraremos a seguir, as penas que o mesmo cominava: 1 — "morte natural; 2 — morte natural para sempre; 3 — morte natural cruelmente; 4 — morte pelo fogo, até ser o condenado feito em pó, para

que nunca de seu corpo à sepultura possa haver memória; 5 — açoites com ou sem barão e pregão pela cidade ou vila; 6 — degrêdo para as galês; 7 — degrêdo, perpétuo ou temporário, para a Africa, para a India, para o Brasil (sic), para o Couto de Castro Marim (êste aplicado só a mulheres), para fora

do Reino ou fora da Vila e Termo, ou fora do Bispado; 8 — mutilação das mãos, da língua, etc.; 9 — queimadura com tenazes ardentes; 10 — capela de chifres na cabeça (para os maridos condescendentes); 11 — polainas ou touca vermelha na cabeça (para os alcoviteiros)".

— // —

DECRETO N.º 35.309, DE 2 DE ABRIL DE 1954

Institui o "Dia do Bombeiro Brasileiro" e a "Semana de Prevenção contra Incêndios".

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição Federal,

Considerando que o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal já se tornou credor da estima pública pelos reais serviços que vem prestando ao País;

Considerando que o bombeiro brasileiro sempre recebeu demonstrações, as mais carinhosas, do povo, pelas constantes provas de valor e bravura;

Considerando que no dia 2 de julho de 1856 foi assinado o primeiro decreto regulamentando, no Brasil, o serviço de extinção de incêndios;

Considerando a necessidade de ser ensinada ao povo, pelos nossos bombeiros, a prática de medidas preventi-

vas capazes de evitar a ocorrência de sinistros de proporções catastróficas, decreta:

Art. 1.º — Ficam instituídos, para serem comemorados anualmente, no dia 2 de julho e na semana em que êste dia estiver compreendido, respectivamente, o "Dia do Bombeiro" e a "Semana de Prevenção Contra Incêndios".

Art. 2.º — Êste decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1954; 133.º da Independência e 66.º da República.

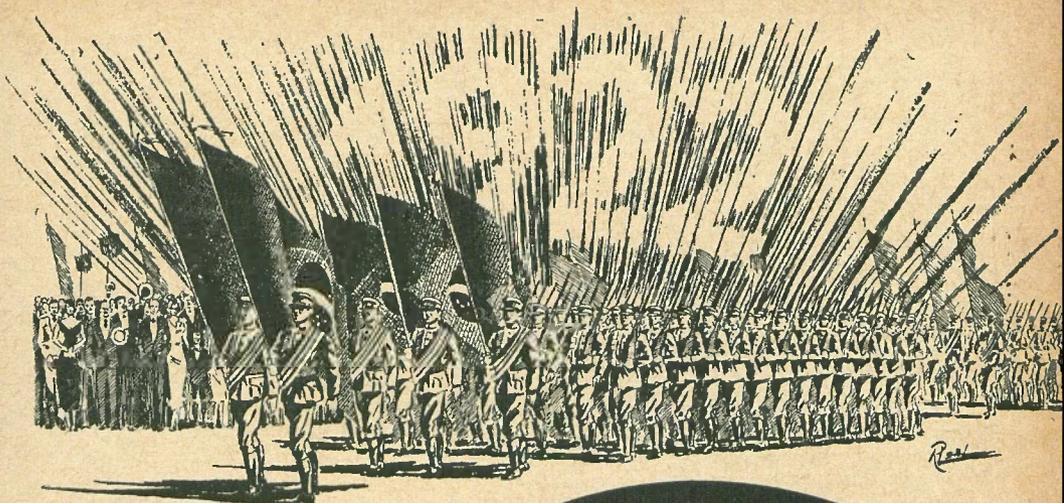
GETULIO VARGAS

Tancredo de Almeida Neves

— // —

NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS

PELA GRAVARTE LTDA.



O REFRIGERANTE
TRADICIONAL

SODA Limonada ESPECIAL

Nas grandiosas festividades da comemoração do centenário da independência do Brasil, já era o refrigerante mais consumido e...

...hoje, como naquele longínquo tempo, o inconfundível **REFRIGERANTE TRADICIONAL** continua a ser o preferido por todos.

UM PRODUTO **ANTARCTICA**



IMPRESSÕES DE VIAGENS

Ten. Sérgio Dilela Monteiro

PREÂMBULO

Lembramos aos prezados leitores que as "Impressões de Viagens" têm um cunho de observação muito pessoal, portanto unilateral e susceptível de erros. Entretanto, aqui está o que sentimos e o que mais nos impressionou. E, ao escrevermos, objetivamos antes o prazer que isso nos proporciona. E' um desabafo. Perdoem-nos, portanto, as divagações.

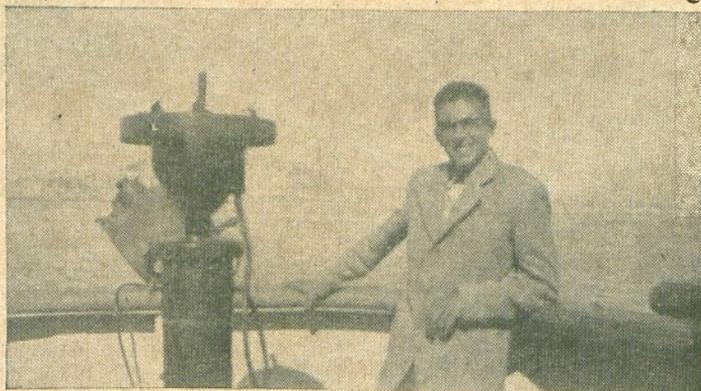
Sempre tivemos muita vontade de viajar. Mas como realizá-la?

França. Três iriam para a Escola de Equitação, em Saumur, e dois para o curso de Psicologia Aplicada, na Sorbonne.

Ultimaram-se os preparativos. Passaportes, passagens, despedidas, bagagens e confusões. Por fim os pedidos. Alguns interessantes. Muitos pediram perfumes, rendas e vinhos. Outros, armas, binóculos e máquinas fotográficas. A maioria (é claro, os homens) pedi-

"Conte Grande"

GIBRALTAR



Os vencimentos de um tenente estão muito longe de poder proporcionar tais aventuras.

A oportunidade surgiu quando o Comando Geral da Força Pública designou cinco oficiais para estagiarem na

ram algumas pequenas francesas. Lá tudo é baratinho, diziam. Você vai ver que beleza! Traga um "Citroen" hidráulico ou um "Falbot", último tipo.

As opiniões eram as mais descontraídas. Os leitores de Seleções e



Um ensaio de salvamento

almanaques citavam-me importantes obras de arte que seria um crime não visitar. Os religiosos opinavam pelas igrejas e os guerreiros pelas fortificações alemãs e cidades destruídas. Experientes navegantes receitavam-me pastilhas contra enjoão, ou miolo de pão em jejum.

Felizmente ninguém me pediu para levar um pacote numa rua muito comprida, onde passava o bonde, como naquela história da Antologia Nacional.

A VIAGEM

Finalmente chegou o grande dia. Falando mau francês, mas dotados de grande entusiasmo, nos enfileiramos para a clássica fotografia no tombadilho do "Conte Grande".

Risos, lágrimas, últimas recomendações, abraços, tudo misturado com grossos apitos e gritos da tripulação. Coração apertado e a ansiedade alargando o peito vimos, naquela tarde vermelha de outubro, tornarem-se um ponto os entes queridos, os amigos, o torão paulista!

A mente fervia, um turbilhão!

Mas a realidade nos acordou bem cedo. O forte balanço da nave nos levou a temer pela perda do último almoço em Santos. Cabeças inclinadas bem para trás, falávamos sem cessar procurando cada um afogar os próprios pensamentos. Só então compreendemos o valor dos grandes navegantes ao enfrentarem o "tenebroso" em suas minúsculas caravelas.

O dia amanheceu magnífico em plena Guanabara. Poucos passageiros embarcaram no Rio. Nessa época (fins de outubro) não há turistas que queiram enfrentar o rigor do inverno europeu.

Agora, mais distante da emoção das despedidas dos parentes, podia-se entender os avisos dados pelo transmissor de bordo. O italiano bem falado, livre de dialetos, é bem compreensível; é mesmo uma língua bonita e agradável.

Soltaram-se as amarras e dois grandes rebocadores começaram a puxar lentamente o colosso. Vagarosa-

mente passamos da Praça Mauá para a saída da Barra, fortaleza de S. João.

A tarde era calma e as barcas faziam sua rota normal para Niterói. A saída do Rio é algo inexprimível. São poucos os adjetivos que qualificam tanta beleza. Poderíamos, plagiando, dizer: "impávido, colosso, gigante pela própria natureza".

Várias vezes saímos em barcos de pesca, passando pelo mesmo lugar, mas nunca fiquei tão emocionado. Eu sabia que em menos de 9 meses não estaria de volta. Já lá distante ficaram meus entes queridos, meu filho. Para diante só o desconhecido, um curso na célebre Sorbonne, uma grande responsabilidade. Tudo isso me fez miúdo e as cousas que me cercavam pareciam gigantes, esmagadoras. Mas a fé remove montanhas e o subconsciente gritava para o consciente nessas horas: "Reage, tenente!" E assim foi.

O navio não se afastou muito da costa e assim prosseguiu por uns 5 ou 6 dias. Esse Brasil é grande, que costas largas!

O passadio a bordo e a cortesia da tripulação são coisas notáveis. Havia poucos passageiros e o Comandante nos transferiu para as melhores cabines. Ofereceu-nos um "cocktail" e nos pôs inteiramente à vontade. Levantávamos às 9 horas. E logo, farta e variadamente, presunto, ovos, frutas, suco e leite. As 11 horas, na piscina, serviam um caldo quente e sanduíches finos. O almoço (2.^a collazione) e o jantar (pranzo) constavam de uns 15 pratos. E por incrível que pareça, houve passageiros apelidados de Sr. Pranzo e Sra. Collazione, pois conseguiam comer os 15 pratos. O cardápio, bellissimo, em flôres, era escrito em francês e italiano; mas nós aprendemos a conversar com

o garção pois, das primeiras vezes, comemos o que não gostamos. Isso acontece a marinheiros de primeira viagem.

Danças, cinema, jogos de salão nos levaram a grande camaradagem. A passagem do Equador é celebrada com o tradicional batismo dos novatos, ótimo jantar e baile à fantasia. Vive-se em tais navios como em uma pequena cidade moderna. Existem padarias, confeitarias, lojas, barbeiros, tinturaria, tipografia, jornal e cinema. Várias vezes li e ouvi falar sobre o azul — marinho. Só depois de estar em alto mar se pode senti-lo. E' um azul tão escuro e de beleza tão profunda que se fica horas a contemplá-lo, sem cansar.

Apesar do movimentado programa de bordo, perscruta-se constantemente o horizonte, na ânsia de uma novidade. Durante 8 dias só nos distraímos acompanhando os vôos dos peixes voadores.

As noites são mais lindas antes do Equador, enquanto se avista bem o Cruzeiro do Sul.

São feitas visitas à sala das máquinas e torre do Comando. Apesar da ventilação especial, o serviço naquela sala é ainda pesado e extenuante. A torre do Comando, por meio de aparelhos muitos precisos, está a par do que se passa em toda a nave. Se o fogo iniciar em qualquer canto, imediatamente, pelo aumento da temperatura local, se rompe uma fina película e o Comando recebe o aviso, enquanto, automaticamente, surgem jactos d'água. Isso, aliás, antes que os bombeiros de bordo entrem em ação.

O primeiro pôrto em que atracamos depois do Rio foi Dakar, no Senegal francês. Fazia um calor insuportável. Grandes negros falavam um dialeto estranho e francês. Vestem um

longo roupão branco, imundo e aberto nos lados. Por baixo alguns usam simples calção. Vivem em grande promiscuidade e numa miséria tremenda. Alguns falam inglês, à força de se habituarem a tomar o dólar do turista americano. Queriam à força engraxar nossos sapatos, pediam esmolas ou vendiam artigos ordinários de matéria plástica que diziam ser marfim. Alguns são tão atrevidos que se torna necessária a intervenção da polícia. Grande parte da população, inclusive os policiais, usa calças curtas. Dão-nos a impressão de estarem aborrecidos e tristes, talvez devido ao grande calor. Entretanto, são gentis e educados ao darem uma informação.

De Dakar a Barcelona a viagem foi mais interessante. Cruzávamos constantemente com outros barcos. Nessa altura passamos pelo "Giulio Cesare", da mesma Companhia. Ambos navegam exatamente na mesma linha, só se desviando bem próximo e continuando, depois, um na esteira do outro. Apitos, adeuses e gritos coroam essa passagem.

A paisagem de Gibraltar é interessante. Vê-se bem uma grande área de

concreto que os "Stukas" alemães se cansaram de bombardear sem êxito. Os canhões da poderosa fortaleza não são visíveis nem com binóculo.

A entrada do porto de Barcelona é difícil. Contou-nos um oficial que o Comandante, certa vez, evitou que o "Conte Grande" fôsse de encontro à molhe, num dia de temporal, executando difícil manobra. Paramos poucas horas nessa interessante cidade. Velhíssima, com suas ruas tortuosas, é cativante pelo trato de seus habitantes. A praça Colombo dá para o mar e em seu porto se vê uma minúscula caravela do tempo das grandes navegações. A vida é baratíssima. As rendas, mantilhas e mulheres, são lindas.

De Barcelona a Cannes corta-se em uma noite e dizem que os ventos franceses, nessa passagem, são perigosos às navas italianas devido à tradicional inimizade entre os dois povos. Realmente tivemos forte temporal. Houve quem passasse muito mal. Um barco de pesca foi a pique e nossa nave chegou a Cannes com a hélice direita avariada.

Da esquerda para a direita, ainda no Conte Grande, o autor destas "Impressões", o cap. Felix de Barros Morgado e exma. esposa, e o 1.º ten. Silvio M. Rezende.



CANNES

Cannes não possui pôrto. O navio atraca ao largo. Vários apitos da nave foi a gentil despedida do Cmt. Spina. Realmente a gente sente deixar tão bons camaradas. A última noite a bordo foi celebrada com muitos vinhos e serenatas até altas horas. Até em grego houve quem cantasse. Mas o samba brasileiro superou!

Na alfândega de Cannes não houve complicações. Recebem com prazer os estrangeiros, que representam dinheiro para o país. Sim, porque sem dinheiro não se pense em ir até lá. Apenas perguntaram si levávamos muitos cigarros, mas não abriram as malas. Aliás, a lei de monopólio de cigarros é severíssima em toda a Europa. Em 15 minutos fomos liberados.

Desde logo nosso colegial francês se perdia no meio daquele "argot" cheio de acentos diferentes. Mal de nós se não fôsse uma grande amiga, lá estabelecida, e que nos fôra esperar...

Fomos para modesto e confortável hotel, a fim de aguardar o dia seguinte para receber, no banco, o nosso dinheiro. Nesse dia almoçamos no melhor restaurante de Cannes. Comemos "Bouïabesse", a célebre sopa de peixe da Costa Azul. Cada região da França se gaba de seus pratos típicos. Essa complicada sopa é deliciosa. Também poderíamos apelidá-la sopa de "Lavoisier", pois, acredito, ali nada se perde e nada se cria, tudo se transforma.

As pessoas presentes só podiam ser ricas, pois os remediados não poderiam freqüentar um restaurante daqueles. Entretanto esses fregueses pegavam os pedaços com as mãos, lambusavam-se, mastigavam com a boca aberta, faziam ruidos, etc. Por certo, não se pode avaliar

o grau de educação de um povo pelas pequenas amostras, mas tais cenas se repetiram muito.

Entre o povo, muitíssimo polido e delicado, não se percebe o sentimento de amizade, nem a profundidade da educação.

A França possui coisas notáveis, conservadas por uma elite de cientistas, professores, alguns políticos, clero e militares. Sofre, como é natural, os efeitos da sangrenta guerra em que se envolveu. Seu povo, onde se conta uma geração cansada pelo sofrimento, sofre as agruras da descrença. Contudo existe o patriotismo, mormente em uma plêiade de militares que trabalha e luta valentemente, desconhecendo sacrifícios, como os que vimos em Saumur.

Em outros setores da atividade humana, sobretudo nas escolas, tem o francês um acentuado sentimento de respeito à pessoa humana. E' também muito justiceiro.

A tarde compramos agasalhos e jantamos em um "Bistrot", minúsculo e popular restaurante. A comida é sempre boa. A fama da cozinha francesa é merecida. Não é perfumaria como, às vezes, se ouve dizer. Perfumaria comemos na Inglaterra. Deus nos livre!

A noite fomos a Nice e Monte Carlo. Lugares lindos e interessantes, em plena opulência da célebre Costa Azul. O famoso cassino de Monte Carlo é belíssimo. Grandes salões atapetados, rica decoração e, especialmente, lustres maravilhosos. Dizem que lá existe a sala do suicídio para os arruinados, mas nós não a vimos. Hoje aquilo não apresenta o esplendor de antes-guerra; mesmo assim, ainda é muito procurado. O principado de Monaco é minúsculo

e sua topografia montanhosa, lindamente enfeitada de jardins e ricos palácios, nos deslumbra.

Fala-se francês e mais idiomas que representam moedas fortes. O que vale é o dinheiro. Naturalmente o espanhol e o português não se fala. Também quanto valem o cruzeiro e a peseta?

Lá se vê de tudo. Das velhas ricas, pesadas de banha e jóias, aos emperdigados adolescentes que gastam o dinheiro dos pais. Juvenis rapazes alou-

rados "acompanham" certas senhoras já idosas em anos e vícios. Lindas raparigas, "dão sorte" a senhores grisalhos e trôpegos. O avarento, viscoso, olhar encavado e mãos úmidas, também lá está. Um, em franca elação, riso largo, olhar vivo, recolhe as fichas; outro, perde desesperado e torce as mãos em depressão ansiosa.

Após um dia em Cannes, recebido nosso dinheiro, rumamos para Paris.

No próximo número — PARIS —

— // —



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!

— // —

OS AUTOMÓVEIS NO MUNDO E NO BRASIL

Segundo o "Petroleum Presa Service", havia em todo o mundo, no início do corrente ano, 76.135.000 veículos, dos quais 68,7% nos Estados Unidos, isto é, 52.321.000. A América Latina dispunha de apenas 2.260.000 ou 3% do total. A Europa possuía 17,3%, ou 13.160.000 unidades. O Canadá, possuindo 4,1%, isto é, 3.115.000 veículos, estava acima de toda a América Latina que, como vimos, possuía apenas 3%.

Quanto ao Brasil, há a dizer que em 31 de dezembro de 1952 nada mais que 610.233 veículos a motor trafegavam em nossas estradas, assim discriminados: 299.625 automóveis; 244.941 caminhões; 19.815 ônibus; 25.244 motocicletas e 20.508 tratores e máquinas de terraplenagem.

De janeiro a dezembro de 1952 o Brasil produziu 1.635.279 pneumáticos e 938.256 câmaras de ar, no valor total de 2 bilhões e 582 milhões de cruzeiros. Daquele total de pneus, 852.488 destinaram-se a carros de passeio, enquanto que 782.791 a caminhões e ônibus.

Durante o ano passado, informa a revista americana "El Automóvil Americano", o Brasil montou 63.850 veículos, enquanto que a Austrália, a Bélgica e o México, não foram além de 61.483, 53.200 e 48.100, respectivamente.

TIRADENTES

As idéias não se impõem, de inopino, à consciência dos indivíduos ou dos povos. Brotam do cérebro de alguns eleitos que, aos poucos, as moldam racionalmente. Quanto mais originaes, quanto mais contrárias à rotina estabelecida, tanto mais combatidas.

Os ideais são de ainda mais difficil assimilação, porque si as idéias são filhas do cérebro, os ideais são privilégio da alma. E si é relativamente fácil um cérebro lúcido e arejado, quão difficil é uma alma que se não deixe vencer pelo egoismo da matéria!

O idealista é como o archote: queima-se a si para iluminar o século em que vive.

As difficuldades, a perseguição, o martírio e a morte, são obstáculos nos quais sua fé se robustece e se afirma!

Si por momentos conseguem imobilizá-lo, é para que acumule mais forças para o momento seguinte.

Os diques não represam os Amazonas: multiplicam sua força!

— o —

O Brasil, no fim do século XVIII, não estava afeito à Liberdade.

E longe teria ido o domínio de Portugal, não fôsse a mentalidade colonial dos governadores que para cá nos mandava, não fôsse a Revolução Francesa, não fôsse a Independência Americana...

Os mais illustres filhos do Brasil buscavam luzes espirituais na pá-

Ten. cel. *Urbano F. Leoni*

Brigada Militar do Rio
Grande do Sul

tria sentimental de todos os latinos; em Paris bebiam a largos haustos as idéias de Liberdade, que haviam destruido o símbolo do absolutismo e derrocado um trono.

De regresso, ainda embriagados com o capitoso néctar, sorvido sem exame e sem medida, ao calor do sazonado ambiente europeu, se aproximavam do continente americano e, assombrados, liam a declaração de Thomaz Jefferson que, por si só, valia toda uma revolução:

«Todos os homens foram criados iguais e dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis; para segurança e gôso dêsses direitos estabeleceram os homens govêrnos, cuja justa autoridade emana do consentimento dos governados; toda vez que uma forma qualquer de govêrno concorrer para a destruição dos fins para que foi estabelecida, tem o povo o direito de a modificar e abolir».

E o entusiasmo abrasava seus jovens corações de estudantes, sonhando com igual Liberdade para a Pátria oprimida.

Foi assim que Vidal Barbosa, que se formara na França, e José Alvares Maciel, que se diplomara em Portugal, entre outros, levaram a idéia para Minas Geraes, pois que a

imprensa era proibida na colônia dos «capacidônios». Braganças...

Antes, porém, Maciel travou conhecimento, no Rio de Janeiro, com o Alferes de Polícia JOAQUIM JOSE DA SILVA XAVIER — O TIRADENTES — vasando-lhe na alma o entusiasmo que trazia no cérebro...

E si o entusiasmo do dr. Maciel se esfumou com o perigo e a adversidade, transformou-se em ideal na alma do alferes escolhido pelas Fôrças do Destino.

Desde aquêlo momento, para nada mais viveu TIRADENTES — si não para a propagação daquela idéia, sem se importar com nada, sem calcular, sem precaver-se, falando sempre e em qualquer lugar, arrubando-se, possuído, como Prometeu, do fogo sagrado da Liberdade.

Como simplesmente cumpria sua predestinação histórica de semente, de plantador da primeira semente, não se deu conta da inadequação dos processos utilizados para a colheita do êxito — êsse fruto meio podre, meio verdolengo, tão perseguido pelos mediocres, incapazes de dar-se a um Ideal.

Enquanto isso, o cruel e despótico governador de Minas ia provocando as iras e as antipatias de seu povo e alimentando o fogo de TIRADENTES, ao mesmo tempo que o mandava espionar.

Naquele ambiente de sufocação, formou-se um núcleo de homens que sonhavam pôr um térmo a êsse regime de opressão. Eram quatro varões cultos, queridos e respeitados em Vila Rica: um tenente coronel

de Dragões, um advogado, um desembargador e um poeta!

Êsse grupo, que logo engrossou, se reunia à sombra de um Ideal superior e, composto de homens eminentes, não estava, contudo, talhado para um empreendimento dêsse vulto.

O revolucionário necessita ter a coragem para a ação, a energia para o mando, a virtude para o prestígio e o idealismo para desprezar a morte!

Os conjurados eram apenas sonhadores pacíficos, imóveis no seu platonismo político.

Nenhuma iniciativa para uma ação enérgica e violenta, apesar de nela estar um militar.

Era sômente uma longa e inerte expectativa, deixando que os acontecimentos marchassem por seus próprios pés.

«Nas suas reuniões não se esboçava mesmo um plano de ação revolucionária, pois apenas se discutiam as bases da reforma política projetada, sob o cunho abstrato das teorias.»

Em tôda revolução há necessidade de uma cabeça dirigente, para a coordenação dos movimentos, para o prestígio da autoridade, para a glória da responsabilidade.

A primeira demonstração de fraqueza dêsse grupo de conjurados foi o temor geral do título de «chefe.»

Ninguém o quis aceitar!

Nessa altura, entraram para o grupo, o dr. Maciel e TIRADENTES que, dentre todos era, por sua origem, por seus bens, por sua cultura, o mais humilde!

Logo, porém, os galvanizou a todos, ao calor do arrebatamento que o abrasava.

Não estava escrito nas Leis da Vida que êle tentasse uma revolução objetiva, por isso seguiu sempre fiel a seu papel de semeador de ideais, cada vez mais veemente, cada vez mais ousado, cada vez mais espiado, para o qual os demais inconfidentes nada mais eram que a moldura, o fundo, o contraste!

Nenhuma discreção, nenhum segredo, a ponto de aceitarem, sem o menor exame, oficiais portugueses, como Joaquim Silvêrio dos Reis, Pamplona e outros, no número dos conjurados.

Barbacena, o novo Governador que substituiu Menezes, era de tudo informado por êsses oficiais.

Como Barbacena trazia a incumbência da cobrança de 538 arrobas de ouro, quiseram os conjurados dar um golpe psicológico, mandando Tomás Gonzaga, um dos conjurados, solicitar-lhe suspendesse a chamada derrama, na certeza de uma recusa formal, que irritaria ainda mais os ânimos da população ameaçada pela cobrança dêsses dízimos.

Barbacena, porém, bem informado como estava, sabendo-lhe as intenções e para frustrar-lhes os objetivos, suspendeu a execução da medida, desconcertando, assim, os conjurados.

Bastou êsse gesto do Governador para que seu entusiasmo se convertesse em arrependimento e pavor, pois certificaram-se com isso que seus movimentos e suas idéas eram conhecidos.

TIRADENTES, quando novamente se acercou dos companheiros, foi recebido glacialmente e até acusado.

O medo paralizara-lhes a fonte da dignidade.

TIRADENTES retirou-se, acobrunhado diante do colapso que atingira os companheiros, que pareciam, outrora, cheios de fé e de coragem, e partiu para o Rio de Janeiro, para ver si por lá as coisas andavam melhores.

Os conjurados dispersaram-se, cautelosamente.

O Vice-Rei, no Rio de Janeiro, avisado por Joaquim Silvêrio dos Reis, que seguira TIRADENTES, não quis ficar atrás do Governador das Minas em zêlo áulico, e mandou prender TIRADENTES.

Barbacena, em Minas, então, efetou a prisão, de há muito decidida, de todos os conjurados.

Não houve lance, por triste e deplorável, que não praticassem, então, os prisioneiros.

Quando uns estavam sendo presos, outros procuravam salvar-se, acusando os companheiros, delatando tôda a trama...

Adulações sórdidas ao Governador, miséria, traição, deslealdade, baixaza, tudo foi atingido, na ansiedade de salvar no lodo da abjeção, a vida indigna de ser vivida!

E tôda a fôrça daqueles cérebros privilegiados baqueou em face do mais primitivo de todos os instintos!

E versos de belas rimas foram escritos na volúpia da própria vileza, louvando a pessoa de Barbacena...

Naqueles homens sem fortaleza de ânimo, naufragava a dignidade, ante o oceano da incerteza do porvir,

por falta de fé num ideal superior, fora do alcance dos prejuizos da humana criatura.

Sômente um homem, um sômente, mas grande, suficientemente, para projetar-se na História e na Lenda, não só não se desdisse, como procurou inocentar os companheiros, assumindo integral responsabilidade de tôda a conjura!

E' que êle trazia, desde além do Berço, o espírito heril dos marcados pela mão da Providência, dos escolhidos pelas Leis da Vida, chantados de marcos históricos na vida dos Povos! TIRADENTES vangloriava-se mesmo de sua rebeldia, e arcava com verdadeira volúpia com todos os ônus da empresa.

O papel dos demais era sômente o de estabelecer o contraste...

Foram condenados à morte 11 dos conjurados, que tiveram suas penas comutadas em degraço, exceto TIRADENTES que foi enforcado — esartejado — seus membros espalhados por tôda a Minas — seus bens confiscados — sua casa arrazada — o solo salgado — declarados infames seus descendentes...

Nenhuma idéia realmente grandiosa se impõe no porvir, sem o adubo generoso do sangue dos mártires heróicos!

Causa tão sagrada qual a Liberdade da Pátria, não podia ser conspurcada com sangue vil — que a terra se negaria a receber — de homens que a traíram espiritualmente na hora decisiva, si os próprios selvícolas não devoravam o inimigo que se houvesse revelado covarde nos atos anteriores à morte, para que

também êles, se não acovardassem ante os perigos, ou na hora extrema!

Não sei de outros aborígenes que tivessem essa crença.

Parece ser privilégio das populações ameríndias, haurido da própria força da terra-mãe.

Símbolo dum mundo novo!

TIRADENTES foi digno de dar seu sangue e de ser incorporado à Pátria, porque si recebeu a condenação com desprêso — sua atitude foi ainda mais sublime em face da morte — heróica — afrontada com bizarra bravura, com a calma e a grandeza dos predestinados, como Sócrates, como Cristo, de quem guarda extraordinária semelhança física.

Sabia que os homens não mais poderiam apagar o fogo que havia ateado, porque, já o dizia Hugo — «há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: uma idéia cujo tempo é chegado!»

Sabia que a Fôrça Viva que sua alma trazia do Passado era o bastante para o projetar no Futuro, fazendo caso omisso do Presente, cuja crueldade era precisamente o trampolim para o salto longínquo, dentro do Infinito.

Despresando a Dor e condoendo-se dos verdugos, justifica-se a si mesmo, satisfeito: «Cumprí a minha palavra — Morro pela Liberdade!»

Eram os grilhões tentando aprisionar o pensamento, sem acordar que

...«A Liberdade é como a hidra, o Anteu

Si no chão rola sem fôrças

Mas forte do chão se ergueu».

Era o Passado, querendo destruir os primeiros albores do Porvir, sem se dar conta que é sempre vencido por êle, afinal.

Era a luta das trevas com a Aurora !

A desproporcionalidade do crime com o castigo, infamante, sádico insano, anatematiza de covarde, cobrindo de opróbio o tarado clã de todos os Braganças, deixando entrever o desespero do mêdo e a prepotência do bruto !

Denunciador da absoluta incapacidade política do govêrno português de então, foi o ato de tripúdio, obrigando os povos a festejar o suplicio de seu herói, cantando loas aos seus algozes, num sadismo moral, monstruoso e revoltante.

Os próprios sacerdotes — via de regra envolvidos em todos os movimentos pela nossa independência — foram obrigados a — do alto dos seus púlpitos — discorrer sôbre a «infâmia» do ato de TIRADENTES, em meio a um silêncio que traduzia a humilhação e o martírio de um povo algemado e insultado.

Foi por isso — por êsse sedimento de dôr — por êsse lastro de sagrada revolta — que exatamente 30 anos depois, um português — e príncipe — quebrava os últimos grilhões que ainda nos prendiam.

Era o fruto opimo da semente lançada por TIRADENTES !

Era a sua glorificação !

Era a paga da História à sua grandeza dalma, a sua quitação pelo seu Idealismo Puro !

Era o Brasil em marcha !

— :: —

As Polícias Militares, nascida com o Brasil e antes mesmo do E-

xército Nacional, têm, em TIRADENTES, o seu símbolo e o seu Patrono !

Simplees com êle — como êle modestas.

Suas origens se confundem com os albores da nacionalidade — e, como TIRADENTES, fizeram do sacrificio pela Pátria — sua Fôrça e sua Grandeza !

A BRIGADA MILITAR, por exemplo, que hoje conta 116 anos de existência, desde a sua criação, em plena Revolução Farroupilha, até o presente momento, tem, a seu crédito, uma das mais belas fôlhas de serviço entre quaisquer instituições brasileiras.

Desde 18 de novembro de 1837 tem ela dedicado tôdas as suas energias a um único alvo: SERVIR o povo do Rio Grande, sempre em defesa da ordem e das Leis, sempre fiel ao govêrno de sua terra.

Mas não se serve bem ao Rio Grande quando não se serve também ao Brasil.

Por isso, a Milícia Estadual, transformada, em 1865, em 9.ª Batalhão de Voluntários da Pátria, segue para o Paraguai, onde vai fazer parte da Divisão Encouraçada, de Sampaio, e da qual só podiam fazer parte tropas de elite.

Na primeira batalha de Tuiuti tal foi o seu ardor nos combates, que se tornou precisa ordem expressa para que retrocedesse de dentro das posições inimigas de Passo Pocú, merecendo elogios singulares de Sampaio e de Osório, respectivamente patronos da Infantaria e Cavalaria brasileiras.

Dai prosseguiu naquela luta cruenta, tomando, depois, sob Caxias, o n.º 39 de Voluntários, lutando até o fim, participando da célebre marcha de flanco, combatendo em Avaí, Lomas Valentina, Campanha da Cordilheira e permanecendo no Paraguai — mesmo depois de finda a guerra — até 1872 — como tropa de ocupação — sacrificando — já então, justos anseios de rever seus entes queridos, temperando seu espirito imarcessível no cadinho de tôdas as renúncias.

Depois dessa sementeira de sangue para que a Pátria fôsse sempre livre e respeitada, não houve, no Brasil inteiro, nenhuma revolução em que a Brigada Militar não tomasse parte, sempre ao lado da ordem e das leis, espalhando na coxilha, na serra, nos prados, nas águas de todos os rios, na caatinga adusta, a ossada branca e o sangue rubro de seus filhos — heróis — anônimos uns, conhecidos e lembrados outros — operários todos da unidade e da grandeza da terra que amamos!

Confundindo-se com a história, o progresso e a evolução do Rio Grande, ela própria, a Brigada Militar de hoje, é parte dêsse progresso, dessa evolução, dessa história!

Morto de exaustão o caudilhismo, evoluído politicamente o povo, que já aspira, civicamente, a ideais mais altos, findas as lutas, superada uma época, a Brigada Militar volta, exclusivamente, a seu papel de mantenedora das leis, de defensora intransigente da autoridade do governo constituído!

No plano prático, imediato e diário, ela promove o policiamento

de todo o Estado: na Capital, nas cidades do interior, nas vilas, nos povoados, nos lugarejos, nas estradas, nos ermos, nos passos, nos campos, onde quer que haja um interesse a zelar, lá está um elemento da Brigada Militar dando de si tudo: o menos é a saúde e a vida!

Quando o Estado é invadido por gafanhotos é a Brigada Militar que — praticamente sôzinha — auxiliada e orientada sômente por técnicos da Secretaria da Agricultura, os combate, mobilizando seus aviadores, seus motoristas, salvando as colheitas, zelando pela economia do Estado e a particular dos cidadãos.

Quando a peste suína ameaça invadir os rebanhos porcinos do Estado, é a Brigada Militar que, em 24 horas estabelece, em tôda a fronteira, um cordão de isolamento, proporcionando medidas profiláticas, salvando incalculáveis valores.

No fragor dos incêndios é ainda a Brigada Militar que — sempre alerta — luta contra o terrível elemento, pagando não poucas vezes com a vida de seus filhos a amarga vitória.

Quando há greve, para que se não paralise a vida do Estado e se torne ainda mais difícil sua situação econômica, é ainda a Brigada Militar que transforma as suas praças em estivadores, motoneiros e motoristas, para normalizar, na medida do possível, os serviços que atendem às necessidades do povo.

Nos momentos de insegurança, quando vós, estais tranqüillos no quente aconchêgo de vossos lares, despreocupados, o soldado da Brigada Militar vela por essa mesma

tranqüilidade, por essa mesma paz, a que não dais valor porque são bens que só se apreciam depois de perdidos.

Nas cidades, nos caminhos, nas pontes, nas centrais ferroviárias, nas barragens, nas usinas, nas fábricas, em mil outros lugares, em dias friados ou de canícula, em noites enluaradas ou chuvosas, abrigados ou açoitados pela chuva no descampado, a pé ou a cavalo, suando com o calor ou tiritando de frio, sempre que a vossa paz e a vossa tranqüilidade estiverem ameaçadas, os soldados da Brigada velam atentos para que o presente nada mais seja para vós do que um átimo entre estas duas eternidades: O Passado e o Futuro!

Eles estão habituados à vossa indiferença aparente.

Sua presença, eles o sentem, promove a insegurança dos que militam no exército do crime, ou mantêm dentro dos limites da lei os fronteiriços e vos dá essa displicência que nasce da certeza da garantia.

Assim estão disseminados, pelo Estado, 156 oficiais e 4.213 praças!

Há ainda, em quartéis, homens que, à fôrça de pensar em seus deveres para com a sociedade, esqueceram-se de pensar em si mesmo.

Para atender a tôdas estas missões é preciso que seus elementos vejam sacrificadas suas horas de lazer e de descanso; muitas vêzes o homem visita sua família duas vêzes por semana, sômente.

E quando surge a primeira apreensão, quando há a mais leve ameaça de perturbação da ordem, todos — desde o Governô até o mais simples cidadão das ruas — se voltam para a Brigada Militar — orgulho do Rio Grande — em busca de ordem, apôio, paz, segurança!

E a Brigada Militar nunca decepcionou a quem nela confia!

Pretender negar a soma dêsses serviços é tentativa vã de gratuitos negativistas, sem expressão na vida do Estado.

E a hostilidade dêsses indivíduos é prêmio que buscamos, é homenagem que carinhosamente cultuamos.

E como nosso Patrono — Tiradentes — o protomártir e precursor da independência, estamos cônscios de que já está fora do poder dos homens, denegrir ou esconder a grandeza de nosso devotamento à causa do Brasil, com os olhos postos no Infinito, cada vez mais nos acrisolando no Ideal de servir ao Rio Grande e ao Brasil, às suas instituições, ao seu progresso, ao seu povo.

(Trechos do discurso pronunciado em Montenegro, no dia 21-IV-53).



A leitura torna o homem completo; a história o faz sábio e prudente; a poesia, espiritual; as matemáticas, sutil; a filosofia, profundo; a moral, grave; a lógica e a retórica, apto para discutir.

BACON



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada voo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em todas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badaró, 370

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos

ELOY ALFARO

UM VERDADEIRO PAN-AMERICANISTA



Foi a consciência do destino comum e o espírito de solidariedade continental que, nas Américas, possibilitou a realização do ideal pan-americanista. Isso explica por que a substituição da guerra pelo arbitramento e a mediação; a codificação do direito internacional; a ausência de lutas raciais; a aptidão de povos de culturas e civilizações diferentes para a liberdade política e a repulsa à conquista e ao predomínio da força possibilitaram a realização desse anseio dos povos americanos.

Se nos reportarmos à História, verificaremos que já desde 1826 esse desejo de bem resolver as questões entre os povos americanos encontrava em Bolívar o seu primeiro idealista. A seu convite, no Panamá, reuniram-se representantes de algumas nações americanas (Colômbia, América Central, México e Peru) que concordaram na formação de uma Liga para salvaguardar suas independências.

Desde então enorme tem sido o afã de estadistas e governantes para ampliar esse espírito de união entre as Repúblicas Americanas e vultos notáveis têm aparecido que se tornam dignos de nossa admiração. No Brasil, José Bonifácio, José Silvestre Rabelo, Rio Branco e Joaquim Nabuco. Nos demais países americanos, outros, incansáveis, batalharam pelos ideais democráticos e espírito pan-americanista.

Entretanto, um vulto existe nas páginas brilhantes da História Americana, cujos feitos, realizações e obras, o projetam como personalidade marcante e alma de ardoroso liberal americanista. É ele o general ELOY ALFARO, presidente da República do Equador, trágicamente morto por seus ideais em 28 de janeiro de 1912.

Governante excelente, verdadeiro e grande americanista, fomentador das relações americanas e internacionais,

ELOY ALFARO nos muitos países em que viveu, bem mereceu a consagração póstuma que lhe foi tributada pela Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Chile, Cuba e Colômbia.

O bronze da imortalidade o perpetua em muitos desses países e hoje pode mesmo ser visto seu busto em muitas praças e logradouros onde sua memória é cultuada.

Não só como estadista e chefe de governo se notabilizou ELOY ALFARO, mas também como realizador, pois vale como verdadeira consagração eterna a Estrada de Ferro Transandina, que transpõe cordilheiras com altitudes acima de 3.000 metros, terminada por sua tenacidade. Sua ânsia para bem administrar foi além, nesse setor, e o Ferrocarril Quito a Guayaquil é outra sua realização.

A despeito da tenaz luta que sempre teve de sustentar contra aqueles que se insurgiam contra seu governo liberal — democrático, o general ALFARO conseguiu organizar o país, melhorar as rendas públicas, aparelhar a Fazenda, elevar o salário do funcionalismo, controlar a dívida externa do Equador, chegando então o dólar quase ao par do sucre.

Os problemas sociais também tiveram de ALFARO atenção e desvelo. A proteção à mulher, tão descuidada então, constituiu ponto alto de seu programa de governo. Abriu-lhes as portas das Universidades e fez com que fossem aceitas como funcionárias públicas nos Correios e ainda criou-lhes a Escola de Telegrafistas.

Alma de artista, pois desde sua primeira estada no Panamá protegeu escritores, notadamente Juan Montalvo — "el Cervantes de America" — ALFARO fundou o Conservatório Nacio-

nal e, educador por índole, criou Colégios e Escolas Normais, noturnos e primários.

Militar que era, pois iniciou a carreira das armas nas guerrilhas das montanhas de Manabí, sua província natal, ALFARO reorganizou o Exército, com base na Escola Militar e Escola de Classes, trazendo instrutores alemães e chilenos e autorizando a oficiais cursarem no estrangeiro.

ALFARO fomentou as relações com todas as nações e, por sua iniciativa, se realizou no México um Congresso Internacional que teve por objetivo desenvolver trabalho de grande vulto sobre o Direito Público Americano. Seu espírito de fervoroso americanista teve oportunidade de manifestar-se quando seu país serviu de mediador e pacificador na guerra entre Cuba e Espanha.

Entretanto ALFARO continuava a ser combatido pelos interesses partidários e estranhos ao país e em 1901 resignou ao poder, seguindo para o exílio.

Em 1906 retorna ao poder por meio de movimento revolucionário e pela 12.ª Constituição (1906-1907), o Equador adotou a forma de governo republicano, democrático e representativo. ALFARO então, prosseguindo na sua obra de reorganização do país, decretou a educação primária obrigatória. Sua ampla visão de legislador e estadista mais uma vez se fez sentir quando decretou o Código Penal, de Comércio, de Polícia e de Processo e a lei de Instrução Pública.

Ascendia sua obra administrativa em vulto e importância, quando, em 1911, ALFARO é obrigado a deixar o poder ante a campanha movida por seus inimigos que o apontavam como pretendendo proclamar-se ditador. Na rea-

lidade ALFARO tinha, por objetivo, re-
tificações eleitorais em relação ao seu
predecessor.

Retira-se novamente para o Pana-
má, agora com poucos recursos, apenas
auxiliado por amigos.

Alguns meses após, em dezembro
de 1.911, novo movimento revolucio-
nário eclode em Guaiquil e ALFARO
é chamado para definir a situação. A
28 de janeiro de 1.912 o movimento
fracassa e ELOY ALFARO tomba as-
sassinado pela turba fanática.

Imortalizou-se, assim, pelo seu ar-
dente patriotismo, êste autêntico bata-
lhador que se notabilizou pelas reformas
sociais e educacionais e espírito de ver-
dadeiro estadista.

ELOY ALFARO nasceu em 25 de
junho de 1.842 na cidade de Montecris-
ti (República do Equador). Desde sua
juventude salientou-se nas lutas de guer-
rilheiros nas montanhas de sua provín-
cia natal contra o despotismo da época.
Pertenceu ao partido liberal, tendo com-

batido sem tréguas contra Garcia More-
no, o que o obrigou a exilar-se no Pa-
namá. Com a morte do ditador Moreno
em 1.875, voltou à pátria passando a
trabalhar incansavelmente por seus
ideais. Em 1.883 uniu-se aos que com-
batiam o ditador Ignacio Veintimilla e
concorreu nas ações de Quito, Mapa-
sinque e Estero Salado.

Com a revolução de 5 de junho de
1.895 foi aclamado chefe supremo da
República pela guarnição sublevada de
Guaiquil, com a qual se confraterni-
zara o povo. À frente de seu exército,
o general ALFARO avança até Quito
e pela 11.a Constituição de 14 de janei-
ro de 1.897 foi nomeado presidente
constitucional do Equador.

ELOY ALFARO, pelos seus feitos,
obras e realizações, é bem o grande
americanista cuja memória é perpetuada
no Equador, sua pátria. Seu vulto de
reformador e idealista o projeta com
destaque nas páginas da História Ame-
ricana.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta
revista, procure:

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Líbero Badaró, 651 — 2.º andar — Fone 37-1681 — SÃO PAULO

SOLDADOS

E

BOMBEIROS

MENOTTI DEL PICCHIA
Da Academia Brasileira de Let^{ras}

Nossa Fôrça Pública sempre foi um orgulho dos paulistas. Tempos houve, mercê da iluminada e corajosa iniciativa do grande Jorge Tibiriçá — o presidente de Estado de maior visão que São Paulo teve — e do seu secretário, o glorioso Washington Luís, que nossa milícia foi o modelo militar do Brasil. Talvez em tôda a América do Sul não houvesse uma corporação mais garbosa, mais técnica e mais eficiente. Hoje o Exército, reformado no seu espírito e na sua estrutura, é uma organização militar também moderna e brilhante.

Lelo sempre "Militia", a revista da Fôrça Pública. Não apenas as artes da guerra, da prevenção policial, da defesa da ordem preocupam nossos soldados: a cultura os interessa também. Por essa publicação acompanho o esforço intelectual dos nossos milicianos. Um soldado instruído multiplica sua eficiência pelo espírito de iniciativa que o conhecimento desperta e propicia o seu acesso nos quadros superiores da corporação.

Quanto aos soldados do fogo, os simpáticos e queridos bombeiros, representam uma hoste perpétuamente mobilizada. O inimigo flamejante está immanentemente em tôda a parte. Os incêndios, as enchentes, os tornados, os furacões, essas calamidades imprevisas que assaltam a cidade como um inimigo que irrompe em plena paz encontra, na vigilância e na bravura dos bombeiros, o heróico defensor da segurança e da paz pública. São incontáveis os feitos heróicos desses denodados soldados do fogo. E' por isso que a corporação que cruza a cidade nos céleres carros vermelhos, o faz entre o sorriso grato dos paulistas e os aenos carinhosos das alas que se formam à sua dramática e cinemática passagem pelas ruas.

Agora o projeto 115 traz inquietação e preocupação entre os soldados e os bombeiros. Creio que êstes têm razão. A situação da vida atual trouxe um tremendo desajustamento em tôdas as estruturas. As razões que alegam os conhecedores das condições de vida dos bombeiros e dos soldados são persuadentes. Há, e todos sentem, uma necessidade de se rever a situação de cada classe para harmonizar suas possibilidades de vida decente com as condições novas criadas pela desordem, quase anarquia econômica que vai por aí. A reforma dos soldados com pequeno acréscimo de 200 cruzeiros no fim de longos vinte e cinco anos de serviço, é justa aposentadoria para quem deu tôda a fôrça dos seus músculos e do seu cérebro a um serviço que abrangeu e exauriu a parte mais produtiva de uma existência. Si a restrição que se quiser fazer atingir também os colhidos por invalidez, mercê de doenças do tipo da lepra, da cegueira, do pêfigo, etc., estaremos, mais que no campo da injustiça, na zona turva e feia da falta de solidariedade humana."

— :: —

Com os conceitos acima, expressos através de "A Gazeta", de 13 do corrente mês, Menotti Del Picchia, brilhante literato e parlamentar, mais uma vez se revela extremado defensor dos interesses da Fôrça Pública de São Paulo.

"Militia" se rejubila com a significativa homenagem que lhe presta o autor, e se congratula com a Corporação e seus oficiais e praças pela manifesta, calorosa e valiosa posição tomada pelo eminente Representado paulista, no caso do projeto 115-54.

O PLANETA DA GUERRA

Cap. Plínio D. Monteiro



 **PAGUEI** a luz e liquei o rádio.

Lá de longe, vinha, através do éter, uma melodia suave. Minhas palpebras pesavam, pesavam cada vez mais. Não era sono, era um torpor agradável. A intensidade da lâmpada-pilôto foi aumentando e iluminava já toda a sala. De repente, a voz do locutor:— Aqui, falando Marte. Para você, ignorante ouvinte da Terra, nada adiantaria eu citar em que ponto do planeta me

encontro; nem compreenderia como posso dirigir-me, diretamente, a você que está nessa poltrona pensando com arrogância: "Que sujeito convencido." "Pouco importa aquilo que você pense; a realidade é que aparelhos, diante dos quais o seu rádio, o seu radar, a sua TV são coisas para alcançar o quintal do vizinho, captam seu pensamento através dos espaços siderais".

Fiquei estarelecido. Seria possível? E em minha ignorância da astronomia pensei logo: — Marte é aquele tal planeta vermelho de onde vêm os discos voadores que pretendem conquistar a Terra; mas, si eles pensam que somos fáceis de dominar, que venham...

— Eu já imaginava; vocês mesmos puseram o nome de — Marte — o deus da guerra — em nosso globo, e só por isso julgam que somos guerreiros. Meu amigo, não é porque um botequim se chama "Bar São Benedito", que ele deixa de ser botequim e de vender aguardente; nem o mau nome de um lugar impede que seus habitantes pratiquem o bem.

— Então, porque esses seus discos voadores não aterrizam aqui, e não se confraternizam, logo, conosco; não nos trazem o progresso marciano?

— Você sabe que missionários, aí na Terra, procuraram o interior da Africa, penetraram as brenhas virgens da América, com a melhor das intenções; incon-

testavelmente, só procurando trazer para o conforto da civilização seus irmãos em estágio inferior. E como foram recebidos? Com arcos e flexas, com lanças e tacapes, e muitos foram até devorados.

— Sim, mas eram selvagens — aventei eu.

— Eram selvagens na sua concepção, mas não os eram os judeus na Palestina, e crucificaram o Cristo.

E prosseguiu antes que eu conseguisse dizer algo:— De fato os terrestres têm também suas qualidades positivas; através de gerações e gerações, enfrentando os horrores da guerra, vocês, quase todos, sobrepujaram o medo e são audaciosos. Já sonham em conquistar o espaço interplanetário, com máquinas que até agora não superaram uns míseros quatrocentos quilômetros de altitude; e já discutem a que nação caberá o domínio da Lua, quem terá direito ao urânio que, talvez, lá exista.

Não tendo o que contestar, arrisquei uma pergunta despistadora:— É verdade que os marcianos são de pequena estatura?

— Vocês procuram sempre minúcias tolas e não a essência das coisas. Que diferença faz que um Eistein tenha 1,50 ou 1,90 de altura? Isso não impediria que ele descobrisse a Relatividade, nem modificaria a fórmula $E = mc^2$. Vocês já gastaram milhões de folhas de papel provando ou não provando a existência de Deus, em vez de se curvarem diante das forças que regem o Universo e que devem ter, incontestavelmente, uma origem.

— Mas, que sabe você da nossa História, para criticar-nos, assim, acerbamente?

— A História da Terra é simples. Vocês dizem que a História se repete,

e de fato é uma constante repetição. É somente uma guerra, iniciada pelos primeiros homens, e que apresenta pequenos intervalos, tempo suficiente para se preparar a nova geração para a luta. Nós é que deveríamos batizar isso af de Marte, o deus sangrento.

— Mas...

— Não se esqueceram ainda de um Júlio César, porém já se apaga a lembrança de um Gandhi que pregou entre vocês mesmos, homens atuais da Terra, um princípio filosófico dos mais simples: "É melhor saber morrer, que saber matar". Boa noite, homem da Terra!

Gritei um boa noite, tentando varar alguns anos luz até Marte e acordei.

O "speaker" da Terra, com voz enfática afirmava:— E, como vemos, a bomba de hidrogênio superou todas as expectativas".

☆ ☆ ☆



GOVERNADOR DO ESTADO

À FÔRÇA PÚBLICA

Em visita oficial à Fôrça Pública, compareceu ao quartel do Batalhão «Tobias de Aguiar», dia 9 de abril último, o governador do Estado, prof. Lucas Nogueira Garcez. S. excia., acompanhado pelo cel. José Lopes da Silva, chefe da Casa Militar e dr. Osvaldo Muller da Silva, chefe da Assessoria Legislativa do Estado, foi recebido à entrada principal do edificio pelos dr. Elpídio Reali, secretário da Segurança Pública e cel. Oscar de Melo Gaia, comandante geral da Corporação, dirigindo-se ao pátio interno da unidade, onde o aguardavam os gen. Miguel Costa, dr. Mário Severo de Albuquerque Maranhão, presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado, ceis. José de Anchieta Torres, Sebastião do Amaral e Cândido Bravo, juizes do mesmo Tribunal; ceis. José Ramos Nogueira, João de Oliveira Melo, dr. Walfrido Trevisan, Luís Teixeira Ribeiro Soares, João de Quadros, Homero da Silveira e Raul da Silva Neto, respectivamente inspetor administrativo da Fôrça Pública, diretor geral de instrução, chefe do Serviço de Saúde, chefe dos serviços de administração, presidente da Associação de Oficiais Refor-

mados e da Reserva, presidente da Cruz Azul de São Paulo e diretor-gerente da Caixa Beneficente da Corporação. Viam-se, ainda, todos os comandantes de corpo, chefes de serviço e diretores de estabelecimento da Corporação, os oficiais disponíveis da guarnição da Capital, oficiais reformados e da reserva e delegações de praças de tôdas as unidades.

Ao som do Hino Nacional, a tropa do Batalhão «Tobias de Aguiar» prestou a continência devida ao chefe do Poder Executivo do Estado.

Logo após, o governador de São Paulo, dirigindo-se a oficiais e praças da Milícia Paulista, declarou que o principal motivo de sua visita aos soldados de Piratininga, naquela manhã, era assinar, na presença dos mesmos, a mensagem que encaminharia à Assembléia Legislativa de São Paulo, reestruturando os vencimentos dos componentes da corporação. Em palavras vibrantes evocou episódios épicos da vida da gloriosa Fôrça Pública e ressaltou ser com a maior satisfação que atendia às justas aspirações de oficiais e praças, propondo para os mesmos vencimentos condignos e capazes de fa-



Ao alto, o sr. governador Lucas Nogueira Garcez, acompanhado pelo cel. Oscar de Melo Gaia, passa a tropa em revista; ao centro, s. excia. lê a mensagem relativa à reestruturação de vencimentos; em baixo, flagrante de sua chegada ao quartel do Batalhão "Tobias de Aguiar".

zer frente ao crescente custo de vida. A seguir, s. excia. leu a nova tabela de vencimentos proposta, sendo calorosamente aplaudido.

Agradecendo ao governador do Estado pela oportuna providência, falou o cel. Oscar de Melo Gaia, comandante geral da Força Pública. Foi a seguinte sua oração:

“Exmo. Sr. Governador do Estado.

Exmo. Sr. Secretário da Segurança Pública.

Exmo. Sr. General Miguel Costa

Exmos. Srs. Juizes do Tribunal Militar.

Meus comandados!

Somente as almas órfãs de sentimentos nobres, senhor Governador, poderão negar ou desaplaudir o apóio e o carinhoso cuidado que Vossa Excelência tem dispensado à Força Pública, consubstânciado, neste instante, com a aposição do honrado nome de Vossa Excelência à mensagem que será remetida à Augusta Assemblêia Legislativa, tratando do momentoso problema da reestruturação de vencimentos desta Corporação.

Dizer-se do alcance dèste ato de V. Excia., eminente Senhor Governador, seria quiçá dispensável — convindo contudo ressaltar os BENEFICIOS MORAIS que adirão dèsse reajustamento, pelo equilibrio financeiro e com êle o bem estar e a paz interior que a todos proporcionarão; o RECRUTAMENTO, ora estancado, terá — assim esperamos — renovada afluência, donde se tornar possível completarem-se os claros existentes nas fileiras, em bene-

fício do serviço público e através de seleção mais aprimorada; à DISCIPLINA trará indiscutíveis benefícios, pois integrados oficiais e praças exclusiva e totalmente nos misteres da profissão será, ela, conscientemente robustecida.

E' indispensável, ainda, justificar as despesas orçamentárias com a Corporação, mostrando que, apesar do silêncio dos compêndios, estamos convencidos de que a “Manutenção da Ordem, Segurança e Tranqüilidade Públicas” não podem deixar de ser elementos da economia política porque sem elas não haverá confiança para empregar o capital e proporcionar trabalho, nem tranqüilidade para a execução do trabalho, nem segurança para a circulação da produção.

Como Comandante Geral zelarei sempre pelos principios asseguradores da Corporação. Assistirei a coletividade, dando aos detalhes a importância que êles merecem porque, em regra, constituem indícios de tendências que com oportunidade, precisam ser coibidas ou conduzidas para que à Corporação se possa imprimir o impulso eficaz no sentido honesto de sua finalidade.

Exigirei dos officiaes e graduados a compenetração das responsabilidades correspondentes à autoridade de cada um dèles que deverá fundamentar-se no cumprimento rigoroso do dever, na máxima dedicação ao serviço e no perfeito conhecimento dos regulamentos e ordens em vigor, compatíveis com as suas atribuições, a fim de que possam ter a autoridade moral indispensável para servirem de exemplo aos seus subordinados: da distribuição da Justiça farei verdadeiro culto.

Assim, a Corporação marchará, normalmente, para realizar os seus destinos naturais.

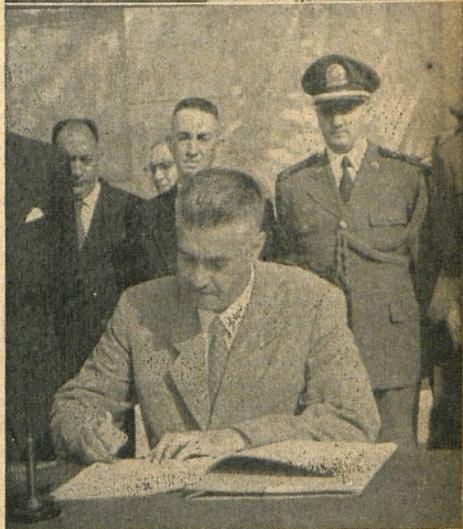
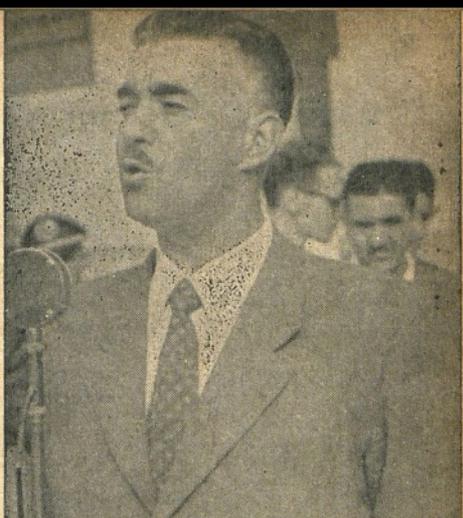
Cumpro, na qualidade de Comandante Geral da Fôrça Pública, o indeclinável dever de, no momento, para nós particularmente significativo em que VV. Excias. nos dão a honra e o estímulo de suas visitas, manifestar em meu nome, em nome da Fôrça Pública — a VV. Excias. o nosso comovido agradecimento — a par das nossas homenagens mui respeitosas”.

«Militia», presente à solenidade, que tão bem repercutiu entre os componentes da Fôrça Pública de São Paulo, quer da ativa, da reserva ou reformados, com êstes se congratula e felicita o comando geral da Milícia Paulista e o governo de São Paulo pela acertada e justa providência.

Os clichês fixam aspectos do ato.



No alto, o prof. Lucas Nogueira Garcez dirige-se à tropa, momentos antes de ler a mensagem; ao centro, o cel. Oscar de Melo Gaia lê o seu discurso de agradecimento e, em baixo, o sr. governador ao assinar a mensagem que seria encaminhada à Assembléia Legislativa.





SEÇÃO *Feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CÁSSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CÁSSIA

(Bacharel em Jornalismo
pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Durante este mês, com intervalo de alguns dias apenas, duas artistas de Hollywood ocuparam as primeiras páginas de jornais nacionais e estrangeiros, si bem que protagonizando casos diversos.

Trata-se de Rita Hayworth e Susan Ball.

A primeira vem, desde o seu casamento com o cantor argentino Dick Haymes, sofrendo ferrenha campanha dos magnatas do cinema, contrários, desde o início, a este seu quarto enlace.

Depois de passar por tremenda dificuldade financeira, e de correr o risco de ver o marido ser deportado para a Argentina, Rita que, ao tempo da segunda guerra mundial, era considerada a quarta instituição cinematográfica, teve quase cassada a tutela de suas filhas Rebeca Welles e Yasmin Khan.

E' que, baseando-se numa denúncia feita à Sociedade de Proteção à Infância, de Nova Iorque, o Tribunal de White Plains requereu para si a custódia das duas filhas da artista, alegando, para tanto, negligência materna.

Felizmente, Rita conseguiu levar a melhor.

Quanto a Susan Ball, trata-se do seu casamento com o ator Richard Long, um dos primeiros a saber da sua doença.



As duas filhas de Rita Hayworth: Rebeca Welles, de oito anos, e Yasmin Khan, de três, quando esperavam o resultado da audiência marcada pelo Tribunal de Proteção à Infância, de White Plains. Yasmin é a quarta candidata, na linha de sucessão, ao trono da Índia.

Esta querida e bela artista teve a sua perna direita amputada, como medida de combate ao cancer, resultado de uma queda sofrida pela artista durante uma tomada de cena nos estúdios em que se encontrava filmando.

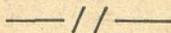
Susan abandonou as muletas a fim de caminhar até o altar, na emocionante cerimônia de seu casamento.

E o mundo, comovido, assistiu a uma eloqüente prova de constância e fidelidade.

RITA DE CÁSSIA



Flagrante tirado após a cerimônia religiosa que uniu Susan Ball a Richard Long.



SER OU NÃO SER

Fato curioso aconteceu num restaurante de Madrid. O freguês queria cogumelos ao leite mas, como não sabia falar o castelhano, desenhou, na toalha, dois cogumelos e uma vaca.

O garção viu o desenho e retirou-se, voltando, momentos mais tarde, com dois guarda-chuvas e uma entrada para a corrida de touros...

Jardim das Bolsas

RUA D. JOSÉ DE BARROS, 288
EM FRENTE DO "CINE OPERA"

Numa estação ferroviária de Paris existe um cartaz com os seguintes dizeres:

— "Favor não tocar nos fios. Perigo de morte instantânea".

E conclui do seguinte modo:

— "Os contraventores serão punidos na forma da lei"...



GENTE



CÉLEBRE

Albert Einstein, o mundialmente famoso autor da teoria 'Gera' da Relatividade, foi um dia à farmácia comprar um remédio.

Ao ser atendido, pediu ao balconista:

— Dê-me ácido monacético de ácido salicílico.

Ao que o empregado, muito espantado, depois de lhe pedir que repetisse o nome do remédio, chegou-se ao chefe da seção e, apontando para o cientista, repetiu o pedido.

Foi então que, sorrindo, o farmacêutico voltou trazendo uma aspirina.

— É isto que o senhor deseja? perguntou a Einstein.

— Isso mesmo, respondeu o grande gênio. Nunca me lembro deste nome...

MILITIA

RECEITUÁRIO AMOROSO

Espósa ciumenta — CATANDUVA - S. Paulo — Minha amiguinha, a lua de mel não dura eternamente. Assim sendo, é preciso que você se adapte à nova vida, deixando de lado os castelos e as fantasias. Só porque seu marido gosta do belo, não é motivo para tódas as tolas cenas de ciumes que, pròdigamente, é obrigado a enfrentar. Controle-se, caso queira ser feliz no casamento. Afinal de contas, nem o homem, nem a mulher, tornam-se cegos e surdos à beleza, depois que se casam.

Desde que ele a respeite e trate com carinho, não se importe com as pequenas bonitas, que conseguem atrair a sua atenção. Se o seu espóso não a amasse, não a achasse digna de compartilhar de sua vida, não teria, certamente, casado com você. Tenha juízo, querida amiga, e abra mais os olhos para a realidade.

SECRETARIA — Rio Grande do Sul — A maioria dos chefes costuma convi-

dar as secretárias para almoço, lanches, etc. Gostam os patrões de elogiar a beleza e educação das moças de escritório. Para evitar que a intimidade chegue a um ponto desagradável, decline, quando possível, de seus convites. Alegue pretextos vários, e não procure ouvir as suas confidências, que, na maioria das vezes, não são verdadeiras. De-se ao respeito, se quiser ser respeitada pelos seus chefes. Caso verifique que a situação está se tornando insustentável, procure um novo emprêgo.

PREOCUPADA — Ribeirão Bonito — Para manter a linha, nada melhor que ginástica adequada. Todavia, deve-se ajudar os exercícios a produzirem seus efeitos, comendo mais legumes e frutas em lugar de massas. Procure passar um dia da semana sem provar comida de sal. Experimente, neste dia, passar a frutas e leite.

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

A semelhança do que se faz na França, Inglaterra e Estados Unidos, as grandes casas de modas de São Paulo e Rio de Janeiro costumam, anualmente, promover desfiles de manequins.

Nestas ocasiões as brasileiras têm, então, oportunidade de apreciar ricos modelos, desenhados por costureiros de fama internacional e apresentados com êxito pelas nossas patricias, que já se tornaram conhecidas como as mulheres mais elegantes do mundo.

Equiparando-se aos melhores estilos da moda internacional, a Casa Canadá De Luxe reuniu os representantes da imprensa carioca, paulista e mineira, a fim de apresentar as suas criações para a "saison" de 1954.





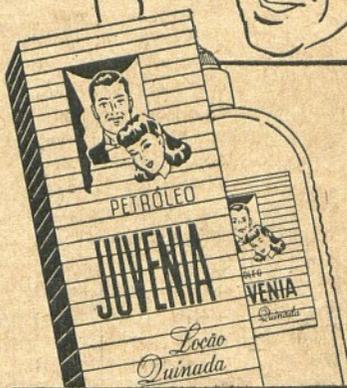
Fixa



Perfuma



Tonifica



os cabelos

PETRÓLEO

JUVENIA

Este tradicional e elegante estabelecimento de modas do Rio de Janeiro, tem à frente o "ditador de linhas femininas" no Brasil, o sr. Jack Pelicks, e conta com os melhores manequins vivos, do país.

Por esse motivo, o grande desfile da "Canadá" é aguardado, todos os anos, com intensa expectativa da parte das nossas representantes.

Esta ansiedade é plenamente justificada face ao bom gosto e à originalidade dos modelos, como vocês bem poderão deduzir após uma vista de olhos nos que aqui expomos à sua aprovação.

Que tal, não são mesmo maravilhosos?...



Já se disse que em Hollywood há mais pés de coelhos do que em qualquer outra parte do mundo. Mas, nem todos carregam tais amuletos consigo. Há outras formas de se proteger. Por exemplo?

Ei-las:

1 — Ray Milland nunca se levanta da cama pisando primeiro com o pé esquerdo, e se arrepia quando pisa no 6.º degrau de uma escada qualquer.

2 — Hedy Lamar detesta passar por baixo de escadas. Nesta fuga é acompanhada por Allan Ladd que além disso, não pode ver sapatos sobre a mesa.

SUPERSTIÇÕES



3 — Joan Fontaine só sai de uma casa, ou loja, ou "set" de filmagem, pela mesma porta por onde entrou. Evita abrir guarda-chuvas dentro de casa e teme o número treze.

4 — Betty Hutton, por sua vez, traz sempre consigo jolas que encerram trevos de quatro fôlhas, e acredita que os sapatos, que chamam, dão sorte.

5 — O fabuloso Laurence Olivier não gosta de citar textos de Shakespeare, nos estúdios, a não ser que esteja ensaiando alguma peça deste autor. E nunca lê a última linha de um "script", a não ser no último dia de filmagem...

Quizera ver-te meu bem
Trinta dias cada mês,
Dez vèzes cada semana,
Cada minuto uma vez...

QUADRINHAS ESPANHOLAS

Teus olhos são dois tinteiros,
Teu nariz, pena delgada;
Teus dentes, letra miúda,
E a boca, é carta fechada...

SUGESTÕES

1 — Se você quer dar uma festinha, procure reunir pessoas que tenham afinidades em vários setores; isso lhe evitará, por certo, a preocupação de precisar repartir-se em atenções e assuntos para cada um dos seus convidados, em particular.

2 — Apesar de, hoje em dia, haver uma certa tolerância para anedotas fortes, contadas ao redor da mesa, em casa de família, não é distinto uma senhora tomar parte, como narradora.

3 — Não é de praxe, e se considera até como de mau gôsto, celebrar com uma grande festa um compromisso nupcial que, apesar de sério, é suscetível de se romper pelas menores coisas...

4 — Não se deve jamais repetir o que não se sabe de boa fonte, pois certas pessoas parecem sentir enorme prazer em contar inverdades, as quais só servem para enxovalhar a reputação alheia.

ENRIQUEÇA SEU "MENU"



Para as donas de casa que costumam fazer «quitanda» para varar a semana inteira, aqui vai uma amostra de pães, roscas e bolinhos, com as respectivas receitas.

SOPA DE TOMATES

Ingredientes —

- 450 grs. de tomates;
- 1 cebola pequena;
- Salsa, pimenta, sal e alho a gosto;
- 3 colheres das de sopa, de Maizena;
- 2 litros de caldo de carne ou galinha;
- 1 xícara de ervilhas cozidas e
- 1 colher de manteiga.

MODO DE FAZER:

Os tomates, bem lavados e cortados em pedaços grandes, juntamente com a cebola, salsa e alho, são levados a ferver, numa caçarola. Cubra-se-os com um pouco d'água. Depois que houver a fervura, retire do fogo e passe-os por uma peneira. Junte ao caldo e à maizena, previamente diluída em um pouco d'água fria. Acrescente a manteiga e leve novamente para o fogo.

Na hora de servir a sopa, adicione as ervilhas cozidas.



ESPERA

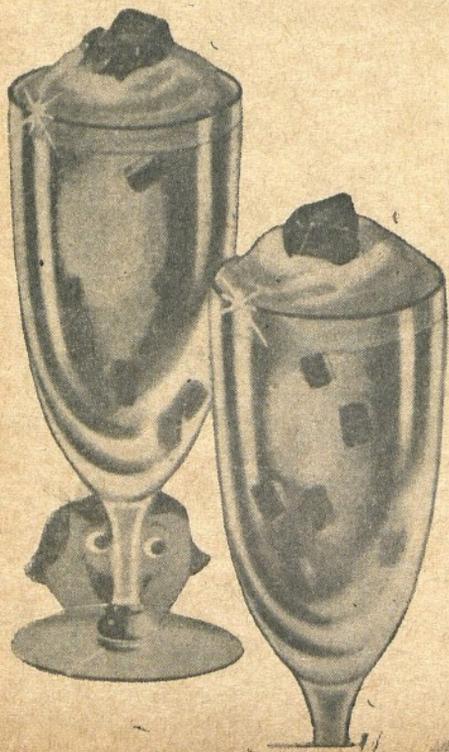
MARIDO

Ingredientes:

- 1 litro de leite cru;
- 3 copos de açúcar;
- 2 claras e 4 gemas.

MODO DE FAZER:

Misture bem o leite e o açúcar. Bata as claras em neve, junte as gemas e torne a bater. Quando estiverem bem batidas, despeje-as no leite e leve tudo ao fogo brando, para cozinhar. Assim que engrossar, retire do fogo e despeje o conteúdo em forminhas, previamente molhadas. Deixe esfriar e leve ao refrigerador.



ROCHEDOS COLONIAIS

Ingredientes

- 1 1/2 xícaras de açúcar;
- 1 xícara de manteiga;
- 3 xícaras de farinha peneirada;
- 1 colher das de chá, de sal;
- 1 colher das de chá, de canela em pó;
- 1 colher das de chá, de fermento "Royal";
- 6 colheres das de chá, de leite;
- 100 grs. de passas e 100 grs. de nozes picadas.

MODO DE FAZER

Bata a manteiga com o açúcar e junte o leite com o fermento. Depois de bem batidos, adicione o resto e, por último, a farinha de trigo, aos poucos.

Faça pequenas ou médias roscas, em forma de trança ou de rochedos, e leve para assar em taboleiros polvilhados. Forno quente.

Estas roscas crescem muito.

NOTA — As receitas dos "Pães de minuto" e do "Bolo Inglês" já foram dadas, em números anteriores.

VARANDA

Se você, minha gentil leitora, possui uma pequena varanda em sua casa, aproveite-a para colocar algumas cadeiras, uma pequena mesa, ou então um balanço.



Terá assim um ótimo lugar para descansar. E, si quizer tornar mais pitoresco e agradável este cantinho de sua casa, ponha um vaso de plantas sobre a mesa. Nos cantos da parede mande instalar uma cantoneira para samambaia de metro ou outra planta semelhante. Verifique se a transformação não foi maravilhosa...

Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Em sessão ordinária da Diretoria, realizada a 30 de março do corrente ano, foram despachados os seguintes processos:

PENSÕES CONCEDIDAS — 8.400,60 a d. Elisa Siqueira Americano com as senhoritas Maria Alice e Maria Helena, viúva e filhas, respectivamente, do cel. médico, dr. Jayme Cardoso Americano; 2.379,60 a d. Geny Manoel Brevilat com os menores José Brevilat Filho e Dimas Brevilat, viúva e filhos, respectivamente, do 1.º sgt. rfm. José Brevilat; 2.100,00 correspondente aos vencimentos do posto de cabo a d. Maria Helena de Matos com os menores José Roberto de Matos, Gilberto Benedito de Matos e Nelson Dagoberito de Matos, viúva e filhos, respectivamente, do sd. do 7.º B.C., Rodolfo de Matos, falecido em ato de serviço público; de 1.800,00 a d. Inis Fraga Rosa, com os menores Oscar e Aparecida Rosa, viúva e filhos, respectivamente, do cabo rfm. José Rosa; 1.742,40 a d. Maria Lopes de Toledo com as senhoritas Maria Aparecida, Maria Geralda e Maria José Xavier Lopes, viúva e filhas, respectivamente, do 1.º sgt. rfm. Praxedes Xavier Lopes Neto; 1.260,00 a d. Maria da Glória Mota, viúva do cabo rfm. João Ramos da Mota; 1.225,50 a d. Cornélia Bernardes com os menores Djalma e Lídia Bernardes, viúva e filhos, respectivamente, do cabo rfm. Jayme Bernardes; 1.139,40 a d. Maria Teodoro de Lima, viúva do sd. rfm. Manoel Januário de Lima; 936,80 a d. Ana Rosa Bartelotti com o menor João Batista Gonçalves, viúva e filho, respectivamente, do sd. da 3.ª Cia. Ind. Augusto Gonçalves da Costa; 879,90 a d. Terezinha Flora da Silva Peres, com os menores Otávio Silva Peres, Pedro Eunício da Silva Peres e Maurício da Silva Peres, viúva e filhos, respectivamente, do sd. do 3.º B.C. José Peres Filho; 633,00 a d. Terezinha Guadalupe Baeta com o menor Norton Guadalupe Baeta, viúva e filho, respectivamente, do sd. rfm. Benedito Baeta; 633,00 a d. Ana Honório Gonçalves de Lima, viúva do sd. do C.F.A., Rafael Cordeiro de Lima; e 509,80 a senhorita

Marina Aparecida Santiago, filha do 1.º sgt. do S.T.M., João Carneiro Santiago.

Empréstimos Imobiliários — **Hipotecários** — 347.700,00 ao major médico dr. Ernesto José Mayer Filho; 330.000,00 ao major Júlio Josué de Vasconcelos; 260.800,00 ao 1.º ten. Benedito Jorge dos Santos; 96.800,00 ao 1.º ten. Waldemar Nogueira; 142.500,00 ao 1.º sgt. Aristóbulo de Oliveira Santos; **Hipotecários (artigo 69 do Regulamento)** — 220.000,00 ao cel. Otaviano Gonçalves da Silveira; 300.000,00 ao ten. cel. Mário Rangel; 100.000,00 ao ten. cel. Guilherme Mendes; 50.000,00 ao major Antônio Pinto de Oliveira; **Sob Compromisso** — 128.000,00 ao 2.º sgt. José Geraldo da Fonseca; 80.000,00 ao cabo João Salvador; **Suplementar** — 25.500,00 ao ten. cel. Geraldo Alves Gomes; **Complementar** — 24.000,00 ao subten. Antônio Crisóstomo.

Permissão para venda de Imóvel — Foi concedida ao cap. Antônio Augusto de Souza Filho, para vender o imóvel da avenida Dr. Leite de Moraes n.º 139, na cidade de Araraquara, de sua propriedade e hipotecada a esta Caixa, em face de sua transferência para esta Capital.

Requerimentos Despachados — das pensionistas dd. Maria José Sales Medeiros, Tereza de Araujo, Maria Lopes de Toledo e filhas, José Brevilat Filho, por sua tutora d. Adelaide Ferreira de Miranda, solicitando a remessa de suas pensões mensais para as cidades de Taubaté, Ribeirão Preto, Mogi das Cruzes e Mogi Mirim, respectivamente: "DEFERIDO: REMETA-SE A PENSÃO, CORRENDO AS DESPESAS POR CONTA E RISCO DAS REQUERENTES"; dos subten. José Pereira Rodrigues e 1.º sgt. Nilton Duarte da Silva, sobre empréstimos sob compromisso: — "FACE À EXPRESSA DESISTÊNCIA DOS VENDEDORES, ARQUIVE-SE"; dos subten. Euclides Cardoso e 3.º sgt. Jesuino da Silva Cabral, sobre empréstimo sob compromisso: "FACE À DESISTÊNCIA DOS INTERES-

(Cont. na pág. seg.)

MERECIDA HOMENAGEM

O Executivo Municipal de São Paulo vem de propor à Câmara de Vereadores, merecida homenagem à memória do heróico bombeiro Amaral.

Sobre o assunto assim se pronunciou a Comissão de Educação e Cultura:

«O Projeto de lei n.º 401-53, oriundo do Executivo Municipal, visa homenagear a pessoa de Antônio Duarte do Amaral, inserindo seu nome em uma praça desta Capital.

Com relação à praça que se deseja dar denominação, nada tem esta Comissão a opor. Trata-se de logradouro sem nome, recentemente oficializado pela Lei n.º 4.371, de 17 de abril de 1953.

Todos se lembram ainda com grande tristeza, da tremenda catástrofe que teve por palco o Clube «Elite 28», onde pereceram muitas pessoas, cobrindo de luto a cidade.

Foi nesse mesmo dia que o soldado do Corpo de Bombeiros, Antônio Duarte do Amaral, ao tentar salvar a vida das pessoas que se achavam presas pelas chamas, ocasionadas pelo terrível incêndio, acabou por perecer no meio do fogo.

Só isto justifica plenamente a homenagem proposta. Mas não paramos aí. O heróico soldado do fogo alistou-se nas fileiras do Corpo de Bombeiros em 6 de agosto de 1943, tendo sido, sete anos depois, promovido a Cabo Especialista em Válvulas, onde sempre desempenhou com rara felicidade a sua função. Sua carreira como bombeiro foi efêmera, porém coberta de glória. A cidade tem o dever de reverenciar a memória de homens que se distinguem por feitos dessa natureza.

Somos, pois, pela aprovação do presente projeto de lei.

Sala da Comissão de Educação e Cultura, aos 18 de março de 1954:

(aa) Homero Silva, Presidente; Moraes Neto, Relator; José Nicolini; Farabulini Júnior; Silva Azevedo».

SADOS, ARQUIVE-SE"; dos major médico dr. Naylor da Silva Carvalho e cap. Antônio Pais de Barros Neto, sobre empréstimos hipotecários: — "FACE A EXPRESSA DESISTENCIA DOS COMPRADORES, ARQUIVE-SE"; dos rfms. sgt.

ajte. Manoel Antônio Jorge e sds. Lino de Matos e Geraldo Ferreira Pires, solicitando majoração de contribuição para a Cx. Bte.: — "DEFERIDO, DEVENDO PAGAR AS CONTRIBUIÇÕES ATRAZADAS".

INSÔNIA

Homenagem ao Dr. ESTELITA RIBAS

*Insônia... orco aberto ao pensamento!
A noite, a inspirar um necrológio,
Transmuta cada pausa do relógio,
Na lágrima brutal do sofrimento...
A vida, pela angústia torturada,
Arrasta-se como a ave mal ferida,
E segue, como sombra ensandecida,
No eterno diapasão da paz frustrada!*

*As trevas armam golpes traiçoeiros,
E escondem veleidades e mistérios...
A chasquear horríveis vitupérios,
Triscam distantes os mochos agoureiros,
E ferem a lembrança descontente...
Uivam os vendavais do pensamento,
E, partido o travão do esquecimento,
O Passado palpita no Presente!*

*A recordar doridas tempestades,
O orvalho chapa os vidros da vidraça...
Escancarado o esquite da desgraça,
Voltam, à vida, antigas ansiedades!*

Os nervos vibram... em feral transporte,
Como um mar agitado, a mente corre,
E grita, e freme, e sofre, e vive e morre,
Sob o mando feroz da própria sorte...
O construtor dessa hora esviscerada,
Triunfante, ergue a taça da loucura,
E mostra o suicídio como cura,
Como eviterna fuga para o NADA!

O fumo do cigarro acesso esteia,
Na cúpula do ar, tredas ameaças...
A lua, por detrás das nuvens baças,
Espia a terra e, às vêzes, beija a areia...
No fundo do grotão, a cada instante,
Levanta-se, nas águas encaixadas,
A voz das ilusões desarvoradas,
A indicar mau caminho ao navegante.

As estrélas, ardendo em fundo escuro,
Parecem círios nos portais dos mundos...
Indiferentes aos dobrões profundos,
Iluminam o cosmo e o ântro impuro.
Os galos cantam... Algo rodopia!
A escura madrugada vai passando...
O carro do sol, longe, vem rodando,
Após brilhar a aurora, nasce o dia.

O vendaval, agora, se circuncisa...
O estupôr morre à luz do sol erguido!
Porém, o coração que foi ferido,
Nunca mais a ferida cicatriza!

Cel. ALFREDO FEIJÓ



TRIBUNAL DE JUSTIÇA MILITAR DO ESTADO

POSSE DO PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE

Tendo sido criado, recentemente, o cargo de vice-presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado, realizou-se a 5 de fevereiro último a eleição para a escolha do primeiro juiz a receber essa investidura, tendo sido eleito

o cel. José Anchieta Torres.

Assim, em 12 do mesmo mês, nosso diretor — geral foi empossado, com solenidade, vice-presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado.

Ao ato estiveram presentes os juizes civis e militares e procurador do Tribunal, o cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques, representando o comando geral da Fôrça Pública, os comandantes de corpo, chefes de serviço e diretores de estabelecimento da Corporação, o promotor e advogados da Justiça Militar, os membros do Conselho Permanente de Justiça, outras autoridades e pessoas gradas.

Saudando o cel. José de Anchieta Torres, falou o cel. Sebastião do Amaral, o qual destacou a personalidade do primeiro vice-presidente do Tribunal e

sé congratulou com seus pares, pelo acêrto da escolha.

O cel. Anchieta, agradecendo, afirmou que, no eventual exercício do cargo de presidente da mais alta côrte de Justiça Militar do Estado, procurará não desmerecer da confiança em si depositada pelos seus colegas e amigos.

Na mesma oportunidade realizou-se a inauguração do retrato do dr. Waldomiro Lobo da Costa — último juiz nomeado — na galeria de retratos do Tribunal de Justiça Militar. Saudou o homenageado, em brilhante discurso, o cel. Odilon Aquino de Oliveira.

Em improviso, repassado de emoção, agradeceu o dr. Lobo da Costa.

"Militia", presente às solenidades, cumprimenta o cel. Anchieta Torres e o dr. Lobo da Costa.

Química "NORMA" Comércio e Indústria Ltda.

TINTAS GRÁFICAS "SUPERCOR"

Rua dos Andradas, 242
Telefone, 36-2202

SÃO PAULO

A CIDADE DE PIRACICABA TERÁ UM DESTACAMENTO DE BOMBEIROS

O delegado regional de policia, da cidade de Piracicaba, sr. Eduardo Vaz Paixão, está empenhado em criar naquela cidade um destacamento de bombeiros. Desde há muito, vem aquela autoridade policial desenvolvendo grande atividade para conseguir concretizar essa idéa. Espera o dr. Vaz Paixão inaugurar êsse importante melhoramento na data em que se comemora o "Dia de Piracicaba".

Uma vez instalado o destacamento dos "homens do fogo", êsses elementos vão servir não sômente àquela cidade, como também às demais que integram a regional de Piracicaba.

Trata-se, não há dúvida, de um melhoramento necessário e útil para aquela zona. Apesar da boa vontade demonstrada pelas autoridades piracicabanas, até agora não foi possível a instalação do destacamento de bombeiros, por motivos alheios à sua vontade. O fator principal para a execução do plano prendia-se à questão de verbas. Na impossibilidade de se conseguirem verbas do Estado para a compra dos materiais necessários, o dr. Eduardo Vaz Paixão planejou uma campanha popular. Posta em execução essa idéa, a autoridade policial encontrou apôio geral. O jornal daquela cidade, "Diário de Piracicaba", lançou um apêlo à população, solicitando ampla colaboração. Diversos cartazes foram confeccionados e distribuídos em tôda a cidade. Estava lançada a semente. Os resultados

não se fizeram demorar. A primeira adesão partiu do meio industrial. Em menos de 24 horas, apurou-se a importância de duzentos mil cruzeiros. Outras adesões, do comércio atacadista e varejista se estão verificando. Espera assim, aquela autoridade policial, conseguir, dentro em breve, a importância suficiente para a aquisição dos carros de incêndio. Quanto à manutenção dos veículos e homens, ficará a cargo do Estado.

Numa zona como a de Piracicaba é indispensável a instalação de um Corpo de Bombeiros. Ainda há poucos dias houve um violento incêndio na usina açucareira da estação de Cilos, próxima à cidade de Piracicaba. Foi necessário o comparecimento dos bombeiros sediados na cidade de Campinas, para dominar o fogo. Considerando a distância a percorrer, os "homens do fogo" daquela cidade tomaram contacto com o incêndio muitas horas depois de iniciado. Resultado: os prejuizos foram de grande vulto. Um destacamento na cidade de Piracicaba, teria resolvido o caso em menor lapso de tempo e os prejuizos teriam sido bem inferiores. Portanto, piracicabanos, procurem dar apôio à iniciativa da autoridade policial dessa cidade, para garantir sua própria segurança no setor de incêndio, salvamento e outros serviços de emergência, que são prestados pelos valorosos bombeiros. (Transcrito de "A GAZETA", de 27-4-54).



Grupo de alunos, vendo-se ao centro o cap. Francisco Bianco Junior, encarregado do curso, e a professora srta. Astrogilda Guerrini

CURSO DE ESPERANTO

Finalizaram-se no dia 23 de março último, às 15,00 horas, na Sala de Conferências do Regimento de Cavalaria, as aulas de esperanto que vinham sendo ministradas aos elementos de nossa Corporação. Organizado êste curso nos moldes dos de outros idiomas, a fim de preparar um grupo de guias que auxiliariam os turistas no IV Centenário de nossa cidade, teve a duração de seis meses, num regimen de uma hora e meia por semana.

O São Paulo Esperanta Klubo, prontificou-se a servir-nos, indicando a professora srta. Astrogilda Guerrini que, obsequiosamente, trans-

mitiu seus conhecimentos aos néo-esperantistas.

O curso teve um desenrolar bastante atraente, concluindo-o com aproveitamento e obtendo «certificado elementar» do idioma internacional auxiliar, os seguintes elementos:

Cap. Rubens Martins; 2.º sgt. Roberto dos Reis Chaves; 2.º sgt. Sebastião Rosa de Lima; 3.º sgt. João José Figueiredo de Almeida; 3.º sgt. Plínio Lopes Pereira; 3.º sgt. Antônio José Alves e 3.º sgt. Nélcio Ribeiro.

Aos novos esperantistas, os parabéns de «Militia».

NOTA: — Sôbre a língua esperantista, os leitores encontrarão um comentário completo no número 24 desta revista, página 24.

Frederico Barros

SENTIDO HUMANO DO CINEMA

Há muito que se reclama contra o mau gosto e inverossimilhança dos personagens do cinema atual. A televisão roubou ao cinema milhões de expectadores, não porque já passou a época do cinema, mas pela novidade que esperavam encontrar, cansados de ver sempre os mocinhos invencíveis, as mocinhas somente conquistáveis na última cena, para o beijo final, os assassinos e ladrões, irremediavelmente perdidos.

Sobre todos esses assuntos, já foram feitas obras mestras, seguidas de mil outras, abaixo de mediocres. Se um filme sobre alfices conseguiu ótima bilheteria, será seguido de outros filmes sobre tôdas as hortaliças.

Exemplo recente tivemos com "O Maior Espetáculo da Terra", de Cecil B. de Mille. Falso e pomposo ao extremo, chamou a atenção dos produtores para o circo e os palhaços, e tivemos palhaços em quantidade, de todos os tipos: Red Skelton, em "O Palhaço" da Metro; Kirk Douglas, em "O Malabarista" de Edward Dmytryck, e no papel de exímio trapezista em "A História de Três Amores"; Fredrick March em "Os Saltimbancos", de Elia Kazan, e outros ainda não vistos nas salas de São Paulo. A influência foi, não só do filme de Cecil de Mille, como também

do elogiadíssimo Calvero, interpretado por Charles Chaplin em "Luzes da Ribalta". Não somos contra os palhaços, mas somos a favor da verdade e realidade dos homens. Deixemos os super-homens para as histórias em quadrinhos, infelizmente, hoje em dia, a única leitura de muitos jovens e não poucos adultos. E os super-homens pululam nas telas, em qualquer filme, mas com mais frequência nos filmes de guerra, que deveriam ser sérios e honestos ao extremo. Vimos há pouco, em São Paulo, a produção de Billy Wilder, um dos mais conceituados diretores da atualidade, "O Inferno 17" (Stalag 17). O filme, pela sua falsidade, deveria produzir intermináveis polêmicas, mas como, felizmente, nenhum de nós conheceu o ambiente onde se passa a história, nada houve senão uma pequena divergência de opiniões. A crítica, que só foi ver um filme de Billy Wilder, aplaudiu-o sem reservas; os que olharam para o sentido humano dos personagens, criticaram-no severamente. É uma comédia num campo de concentração; não é uma sátira, mas uma comédia. E diga-se, a bem da verdade, que poucas vezes ouviu-se tão espontâneo o riso da plateia, como com os engraçadíssimos e anestesiados prisioneiros daquele "Infer-

no 17". Billy Wilder, nas suas mais recentes produções, foi cruel, revelando o desespero de uma artista ultrapassada pela juventude em "O Crepúsculo dos Deuses", e atacando a imprensa venal em "A Montanha dos Sete Abutres". E, quando o assunto é, por si, desumano, dá-nos um retrato colorido de uma desgraça recente, que devia ser fotografado, não em branco e preto, nem em technicolor, mas em cor-de-rosa. Reforçando a nossa fraca opinião, vamos citar dois dos maiores críticos franceses da atualidade, George Sadoul e Jean Thèvenot de "Les Lettres Françaises" (N.º 493): "*Inferno 17*," não é um filme, mas uma fábula... Billy Wilder plagia com descaramento, em muitos episódios, "*La Grande Illusion*", obra prima de Jean Renoir". — "Uma das melhores, se não a melhor realização de Billy Wilder... Se as situações são falsas, cabe aos prisioneiros e não a nós julgar da sua veracidade". E no mesmo jornal (N.º 497), um ex-prisioneiro do "Stalag 17", Roberto Sauvageau, veio pro-

testar contra o filme nestes termos: "Para minha grande surpresa, vi que quase todo o filme, era uma comédia. Alguns toques a mais, e teríamos uma fita do "Gordo e Magro"... Uma das cenas mais cômicas, mostram-nos as prisioneiras russas, esperando o banho de chuveiro, e devoradas pelos olhares dos soldados. Parecem "pin-ups", de longas e onduladas cabeleiras, quando todas as mulheres russas que vi nos campos de concentração tinham a cabeça raspada... Em nenhum momento se manifesta esse sentimento da dignidade humana ultrajada, que, para o prisioneiro, é como um rato roendo-lhe as entranhas; nem a degradação da personalidade individual roubada pelos nazistas nos campos de concentração". E nesses termos se estende um longo protesto de um prisioneiro ultrajado. De nossa parte, vamos desfazer a mentira inicial do filme. O narrador lamenta não ter sido feito ainda nenhum filme sobre prisioneiros de guerra, quando, já em 1948, Wanda Jakubowska nos deu a sua obra prima de sentimento e realidade, "*A Última Etapa*", já exibido nas telas paulistas e que não pode ser desconhecido por um dos maiores cineastas da atualidade, senão propositalmente. Filmes como esse não vão salvar o cinema.

O exemplo da vitória recente do néo-realismo italiano, que — mais do que a televisão assusta os fazedores de filmes-chapas — é incontestável. Os homens do cinema precisam chegar ao que Cesare Zavattini, o papa do néo-realismo, chamou de descoberta: "Percebeu-se então que a realidade era enormemente rica, bastava saber olhá-la... E é



AUDREY HEPBURN,
prêmio "Oscar" de 53.





Cêna de "A Princesa e o Plebeu" (Roman Holiday)

isso, entre outras coisas, o que distingue o néo-realismo do cinema norte-americano. A posição dos norte-americanos, em verdade, é a antítese da nossa: enquanto a nós interessa conhecer a realidade que nos cerca, e conhecê-la profunda e diretamente, os norte-americanos continuam a se contentar com um conhecimento adulterado, filtrado. Assim é que, enquanto nos Estados Unidos da América pode existir uma crise de histórias, tal crise é impossível entre nós.

Para nós, não pode haver falta de temas porque não há falta de realidade".

Por aí vemos, que não será o cinema, nem as telas panorâmicas, nem

a terceira dimensão, que vão salvar o cinema, mas as histórias mais humanas, de homens mais mortais, mais risíveis e mais deploráveis.

OS MELHORES DE 1953

A Academia de Artes e Ciências de Hollywood, como faz todos os anos, distribuiu os prêmios "Oscars", para os melhores filmes e interpretações de 1953.

O filme mais premiado foi "A Um Passo da Eternidade" (From here to eternity), como melhor direção (Fred Zinneman), melhores atores coadjuvantes (Donna Reed e Franck Sinatra),



PRÊMIO "OSCAR" DE 1953
William Holden, o contrabandista
de "Inferno 17".

melhor cenarização, melhor montagem e
melhor som.

Melhor atriz, Audrey Hepburn, pela sua interpretação em "A Princesa e o Plebeu" (Roman Holiday), e melhor ator, William Holden o contrabandista de "Inferno 17". Walt Disney ganhou nada menos do que quatro prêmios: melhor documentário em longa metragem, "The Living Desert"; melhor documentário em média metragem, "Alaskan Eskimo"; melhor documentário em curta

metragem, "O País dos Ursos"; melhor desenho animado, "Toot, Whistle, Plunk and Boom", em cinemascope. Um prêmio especial foi conferido pelo melhor processo técnico de 1953, ao professor francês Henri Chretien, inventor do Cinemascope.

CINEMA, DINHEIRO E TALENTO

René Barjavel, no seu ensaio "Cinéma Total" (*) publicado em 1944, parece falar de certo cinema brasileiro de 1954:

"Quando Girondoux escreveu *Ordine*, quando Anouilh escreveu *Antigone*, tinham atrás de si mil anos de tradição dramática. Dissecaram as tragédias gregas, e as farsas da Idade Média. Debruçaram-se sobre os ossos e a carne das peças de Corneille, Racine e Molière. Frequentaram Shakespeare, e namoraram as amantes de Musset.

Conscientemente, ou melhor, inconscientemente, utilizaram o que haviam aprendido para construir as próprias obras. Havia assimilado as regras do "metier".

O cinema adolescente não conhece regras. Não tem cérebro, os membros se dilatam em todas as direções. Seus atores se recrutam por acaso. Não se exige, deles, nenhuma prova de qualidades morais ou intelectuais. Os capitalistas que financiam os filmes, não vêem senão possibilidades de lucro, levando a esta indústria o mesmo interesse que à indústria das latas de sardinha ou das torneiras. O caso e o dinheiro são os dois mestres do mundo cinematográfico. O talento deve lutar para conseguir o seu lugar, e frequentemente a sua presença escandaliza.

(*) *Cinéma Total* — Paris — Les Éditions Dencel — 1944 — Pags. 96-93.

PRÁ QUÊ MAIS POLÍCIA ?

A população brasileira clama e reclama, em uníssonos: mais policiamento! — unificação das polícias.

Primeiro de uma série

Estamos, por obrigação de officio, em contacto constante com quase tôdas as corporações irmãs do Brasil. Vimos colhendo, das noticias que os correspondentes nos enviam e do noticiário dos jornais, os elementos que passamos a concatenar, para os leitores de MILITIA, inserindo-os em "Noticias das Coirmãs". Tudo muito despretenciosamente, apenas com a esperança de estarmos sendo útil à numerosa classe policial-militar brasileira.

Sentimos que surge, em todo o País, um movimento generalizado da população, reclamando mais segurança para a tranquillidade a que tem direito; enfim, mais policiamento. Alguns, desconhecedores do problema, chegam a sugerir a criação de mais esta ou aquela corporação com finalidades policiais. Mas seus argumentos, pela fragilidade de que se revestem, são atirados ao chão pelo mais

leve sôpro dos fatos. Verifica-se, então, que é o fenómeno contrário que se impõe: de início, a unificação da policia, dentro de cada unidade federada, respeitadas suas peculiares características. Sem essa medida preliminar, nada feito. O caos, no setor da segurança pública, continuará, com todo o acervo de males consequentes.

O noticiário respeitante à ação da Polícia Militar do Distrito Federal, na consecução de tal objetivo, tem merecido, da parte da imprensa carioca, os mais merecidos encômios. E há que se levar em conta a ressonância de tais fatos, em todo o País. Daí a nossa preocupação em divulgá-los. Colhemo-los nas mais variadas fontes, delas se destacando os jornais do Rio de Janeiro. Nesta primeira apresentação oferecemos aos leitores três apreciações, com grifos nossos:

MUITAS POLICIAS E POUCA POLICIA

"Volta ao noticiário com os comentários que merece, a organização policial do Rio. Esta cidade como nenhuma outra, TEM MUITAS POLICIAS E POUCA POLICIA. HA CINCO ORGANIZAÇÕES — Civil, Militar, Especial, que são federais; de Vigilância, da Prefeitura e, ainda, uma particular, a do Cais do Pôrto, mantida pelo comércio e a indústria. E PROJETOU-SE OU PROJETA-SE, OUTRA MAIS, que viria ressuscitar a Guarda Noturna, que mal ou bem

era um policiamento com que o carioca contava durante a noite. Substituiu-a a de Vigilância. Para esta houve encargos que não eram das atribuições da GN e os quais se faziam necessários atender, como a guarda de jardins, repartições, etc. Para a ronda preventiva poucos homens restaram. A Polícia Civil, CUJO TITULO SE MUDOU PARA DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA, EMBORA A SUA AÇÃO CONTINUASSE RESTRITA À CAPITAL FEDERAL, se desdobra em várias outras, — Marítima, Aérea e de Fronteiras, e seis Delegacias Especializadas: de Portos e Litoral, de Vigilância, Economia Popular, de Menores, de Costumes e Diversões, de Roubos e Falsificações, além da Rádio Patrulha. As opiniões dos que têm responsabilidade na administração pública SAO ACORDES EM QUE SE FAÇA A UNIFICAÇÃO DE TÓDAS AS CORPORACÕES DE POLICIA, COM A SUPERINTENDÊNCIA DE UM SÓ ÓRGÃO, SEM, E' CLARO, DESCARACTERIZAR A FINALIDADE DE CADA UMA. Ao contrário, urge dar-lhes maior raio de atividade, de "poder de policia" como se faz cabivel numa cidade moderna, onde o crime encontra campo fértil, e que já atingiu um adiantado grau de civilização com que se limita o abuso de tal poder. A medida recentemente tomada, de guarnecer os carros da RP por pessoal da Polícia Militar, inclusive a direção de oficiais especializados no mister, está dando os melhores frutos. E os soldados empregados no ST não estão revelando uma ótima colaboração? São esses e outros fatos um bom vaticínio para a unificação dos serviços policiaes. E projetos não faltam...". (De "A NOITE, de 31-12-53, crônica de H. D. C.).

POLICIAMENTO

"Os moradores do populoso bairro de Copacabana ficaram surpresos, quando viram vários soldados bem uniformizados, em policiamento das ruas. Muitas famílias telefonaram para nossa redação. Queriam saber se a novidade era permanente, e aproveitaram dando parabéns pela medida tomada pelas autoridades policiaes.

Realmente, podemos verificar em pessoa os serviços inestimáveis que a Polícia Militar está prestando à população. Dizemos nova com certa razão. Corporação antiga e de tradição A PM ESTAVA ESTAGNADA E PRATICAMENTE, NADA JUSTIFICAVA A SUA EXISTÊNCIA, QUANDO O SEU NOVO COMANDO RESOLVEU COLOCA-LA NOS SEUS VERDADEIROS OBJETIVOS. Principiou pela disciplina e raro era o dia em que, publicamente, um ou mais soldados eram expulsos por praticarem atos incompatíveis com a moral da corporação. Gente nova e brilhante na oficialidade, e os resultados aí estão. A Polícia Militar está sendo um orgulho para o povo carioca. OS SEUS HOMENS DESTACADOS PARA O SERVIÇO DE TRANSITO SÃO IMPECAVEIS E DIGNOS DE UMA CAPITAL CIVILIZADA, Para eles não existe NEM O SUBORNO NEM A MALANDRAGEM. Depois veiu o serviço de Rádio Patrulha. Comandadas por um oficial, as guarnições atendem aos chamados com urbanidade, e até agora, não houve uma queixa por parte do povo que é o melhor juiz. E agora, de comum acôrdo com o D.F.S.P., a Polícia Militar vai fazer o poli-

ciamento ostensivo e necessário, NESTA CIDADE COM MAIS DE DEZ ORGANIZAÇÕES POLICIAIS E A MAIS DESPOLICIADA DO MUNDO. Começou pela zona Sul. Grupos de dois soldados patrulham as ruas e servem até de guardas de trânsito, como observamos domingo último, à noite, na avenida Atlântica. Não podemos deixar de registrar a ação enérgica de um homem que está transformando a PM numa organização útil ao País. E' o Cel. Ururahy de Magalhães. Sem alardes, êle vai orientando seus subordinados, imprimindo à sua administração métodos modernos e uma noção de disciplina e dever cumprido". (Editorial do "O Radical", de 29-12-53).

UNIFICAÇÃO POLICIAL

"Respondendo a manifestação recebida, O CHEFE DO GABINETE MILITAR DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EMITIU A OPINIAO DE QUE DEVEM SER UNIFICADAS AS CORPORAÇÕES A SERVIÇO DA SEGURANÇA DO DISTRITO FEDERAL.

Temos, com efeito, diversos organismos policiais na cidade sob comandos autônomos. A idéia de os reunir não é nova, é sugestão antiga, vez por outra renovada, porém, nunca concretizada.

.....

Mas precisa, antes de tudo, de uma reforma que lhe reforce os quadros atuantes. Esta reforma tem estado constantemente em estudo. Sabe-se que o aparelhamento administrativo do país, na amplitude, complexidade e diversidade dos seus dispositivos, também passa pela mesma fase de modificações e reajustamentos... em perspectiva. Reconhece-se unânimemente que êle funciona mal no todo e nas partes. Não há intenções discrepantes no que concerne à sua necessária (e inadiável) readaptação.

Mas os meses passam, como já passaram os anos sôbre a projetada reforma dos serviços policiais...

É ÓBVIO QUE, UM DIA, QUANDO SE ALCANÇAR A REESTRUTURAÇÃO CONSIDERADA URGENTE, A UNIFICAÇÃO DAS VARIAS POLICIAS INTEGRARÁ O NOVO ESQUEMA DE SEGURANÇA DOS CARIOCAS. O problema, não há do que duvidar, é de adição de elementos, de forma a assistir eficiente e enérgicamente os setores expostos à ação dos delinqüentes e seus sequazes.

Sob muitos aspectos, o Rio começa a reproduzir os fenômenos criminais peculiares às grandes metrópoles modernas e a criminalidade, histórica e economicamente, suscita a intensificação e a especialização dos recursos preventivos e repressivos. ÉSTES, PARA BEM SE EXERCITAREM, DEVERÃO ESTAR ASSOCIADOS E ARTICULADOS A UM SISTEMA POLICIAL UNO E APTO A DESENVOLVER OS SEUS MISTERES.

Torna-se difícil acreditar que as idéias de todos, em face à realidade comum, custem tanto a germinar em diplomas legais". (Editorial do "Correio da Manhã", de 31-12-53).

★ GRANDE
SUCESSO!

★ JÁ EM
2.^A EDIÇÃO!

MANUAL do de POLICIAL de TRÂNSITO

TENENTE ANTONIO MENDES
DA FORÇA PÚBLICA DO E. DE SÃO PAULO



SÃO PAULO

1953

"Excelente a impressão que tive do seu trabalho. Preciso, minucioso, bem orientado e sobretudo muito útil ao preparo dos guardas de trânsito".

VICENTE SAGUAS PRESAS JÚNIOR
Ten. Cel. Diretor do Serviço de Trânsito

"Com seus capítulos perfeitamente ordenados, com ótima distribuição e explanação da matéria, além de oportunas ilustrações dos acidentes mais freqüentes, o MANUAL DO POLICIAL DE TRÂNSITO será um valioso guia para todos os que se defrontam, diariamente, com os problemas de trânsito...".

ANTONIO MOTA FILHO
Vice-Diretor da Escola Oficial de Trânsito

"Mas, não deve ficar restrito ao nosso meio. Pela sua própria essência, impõe-se seja facilitada a sua divulgação pelas demais Polícias Militares e por tôdas as entidades congêneres, civis e militares, com responsabilidade no policiamento de trânsito".

ARRISSON DE SOUZA FERRAZ
Major Diretor de Ensino do C.F.A.

Pedidos à "MILITIA", pelo Reembolso Postal ou por intermédio dos Representantes nas Unidades da Federação.

Preço: Cr\$ 25,00.

condições financeiras do Estado e desejoso de, ainda em sua gestão, realizar mais alguns melhoramentos na Vila Militar do Bonfim, cumprindo, assim, seus compromissos assumidos com a tradicional Polícia Militar; depois de ter proposto à Assembléa Legislativa a melhoria dos vencimentos do pessoal dessa corporação, vem de recomendar à Secretaria da Viação e Obras Públicas providências no sentido de que sejam reiniciadas as obras de construção e conservação daquele valioso patrimônio do Estado.

Na Vila Militar aos Dendezeiros é que está concentrada maior parte do efetivo da guarnição da Polícia Militar, na capital. Ali encontramos os 1.º e 5.º B. C., a Companhia de Guardas, o Hospital e o Centro de Instrução (de formação de oficiais e praças), além de serviços auxiliares como: Cantina, Padaria, Torre-facção de Café, Farmácia, etc. E' ali, na Vila Militar, que encontramos ainda uma das mais importantes praças de esporte da nossa Capital, inclusive um campo de futebol, em dimensões olímpicas.

E', todavia, uma Vila ainda inacabada. Necessita realmente de assistência permanente dos Poderes Públicos, além das obras complementares e de recuperação de alguns dos seus elementos que, com o passar dos tempos, já estão estragados ou inutilizados.

Ali, naquele populoso centro profissional, faz-se indispensável um centro de diversões para oficiais e praças, como existe em quase tôdas as vilas militares modernas. Aliás sabemos que o governador Régis Pacheco já doou à Polícia Militar um

aparêlho cinematográfico de grande porte; porém, ainda não foi instalado por falta de local apropriado. Fala-se até em construir um prédio moderno, com cinema, etc, já que sr. Régis Pacheco, não esconde o seu interesse de dar à Polícia Militar do Estado uma situação que a destaque entre as grandes polícias militares do Brasil.

DISTRITO FEDERAL

(POLÍCIA MILITAR)

POSSE DA DIRETORIA DA ABSPM

Em sessão solene da Assembléa Geral, realizada a 30 de março p.p., sob a presidência do dep. Benjamim Farah, foi empossada a nova diretoria que irá reger os destinos da Associação Beneficente dos Sargentos da Polícia Militar, no biênio 1954-55.

A sessão solene compareceu também o ten. cel. dr. Erlindo Salzano, da Força Pública de S. Paulo e vice-governador dêste Estado, além de representantes dos sargentos do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, da Associação Atlética Alagoana, sr. José Soares, o coronel João Farias, os quais usaram da palavra augurando prosperidade aos novos diretores, e uma profícua administração.

A nova diretoria daquela associação está assim constituída: presidente, Cipriano Fernandes Lima; vice-presidente, Rúbio Pereira de Santana; secretário geral, Paulo Tavares de Lima; 1.º secretário, Lindalvo Ramos de Vasconcelos; 2.º secretário, Wilson Torres Damasceno; 1.º tesoureiro, Ricardo Cardoso dos Santos; 2.º tesoureiro, Geraldo Gama Delgado; bibliotecário, Wilson José do Couto; e procurador, Jobel Apolinário

de Oliveira, Conselho Fiscal — Natanael Loliola do Nascimento, Wilson Varjão, José Eutímio de Barros, Francisco Antônio Tavares, Moisés Alves Bretas, João da Silva Sobrinho, Umberto Lourenço da Silva, Altuérpio de Souza Lima e Aurelino Lima Guimarães.

Ao champagne, usaram da palavra, ainda, os tenente Esperidião Marques, sargento do Exército Luis Fernandes de Lima, um representante dos sargentos do Corpo de Bombeiros, sargento da P. M. Remi Prates Pinheiro e o presidente eleito, Cipriano Fernandes Lima. Encerrando, proferiu brilhante discurso o coronel João Farias.

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

Atendendo a proposta do comando, o ministro da Justiça resolveu, tendo em vista a escassez de oficiais subalternos para os serviços de rotina da Corporação, o próximo provável aumento do quadro de efetivo de oficiais subalternos e a necessidade do serviço, reduzir a duração, no corrente ano letivo, do Curso da EFO, sem prejuízo do nível pedagógico, e, determinar que a turma que deveria ser declarada aspirante à oficial no mês de dezembro, o fôsse em julho.

Resolveu, outrossim, o ministro, aprovar a fixação da data de 3 de julho do corrente ano, às 10 horas, para a celebração das solenidades referentes à citada declaração, em local a ser oportunamente designado.

APRESENTAÇÃO DE OFICIAIS

Apresentaram-se à PM, os 2.ºs tenentes da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, Osvaldo Stevaux e Eleusis Dias Peixoto, que vão freqüentar o Curso Técnico de Ensino no EB, com duração aproximada de 7 meses.

A CARGO DA PM O POLÍCIAMENTO DOS JOGOS INFANTIS

A brilhante festa cívico-esportiva que constituíram os "Jogos da Primavera", patrocinados pelo "Jornal dos Sports", do Rio de Janeiro, foi secundada, no dia 4 dêste mês, por outra não menos brilhante festividade — os "Jogos Infantis", também sob o patrocínio daquele diário especializado carioca.

A Polícia Militar coube o encargo de exercer o policiamento total da jornada esportiva. E' aquele mesmo jornal que nos informa:

"Na direção do policiamento, estará novamente o Capitão Godofredo Hoehl. E' êle o diretor do Setor de Segurança dos "IV Jogos Infantis". Trata-se de um grande colaborador. Militar irrepreensível, cumpriu sempre com sobriedade e dedicação suas funções.

Voltará, no desfile de hoje, a prestar sua colaboração segura, cumprindo um papel de grande importância para a grandiosa festa desportiva.

Dá, dêsse modo, a Polícia Militar, novas provas de seu apóio às realizações do nosso matutino. E', sem dúvida, de grande valia a sua colaboração".

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

AMPLIA-SE A AÇÃO DO' CB

Criada a 5.ª Zona, em Campinho Foi inaugurado, no dia 4 dêste mês, o quartel da 5.ª Zona do Corpo de Bombeiros, sediado na rua Domingos Lopes, em Campinho, melhoramento que muito irá beneficiar a zona suburbana.

A nova sede possui instalações que oferecem o máximo conforto aos soldados que ali permanecerão, proporcionando, o que é mais importante, meios pa-

ra uma ação mais eficaz e rápida, em caso de incêndio e outras ocorrências.

Pessoal e viaturas

Contará, o quartel do largo do Campinho, com uma guarnição de 120 homens, que terá, como o seu primeiro comandante, o cap. Aurélio Gomes de Melo. Disporá das seguintes viaturas: 1 carro-bomba, 1 carro-bomba-tanque, 1 carro rápido de manobras d'água, 1 carro para o serviço de salvamento e proteção, 1 jipe e 1 caminhão. Em consequência, os postos do Realengo, Campo Grande e Santa Cruz, cada um mantendo em serviço 20 homens, ficarão subordinados à 5.ª Zona.

Em futuro próximo, deverá, contar, ainda, o novo quartel, com uma Secção de Salvamento e Proteção, de características iguais à existente no Quartel Central.

Remodelado por praças e operários

E' de se notar que o novo quartel, que já era um próprio do Corpo de Bombeiros, foi inteiramente remodelado por praças e operários da corporação, num grande esforço de administração, sem que fôsse utilizada verba especial, e sim a resultante de economias da entidade.

ESPÍRITO SANTO

FÊZ 119 ANOS A PM

A data de 6 de abril assinala o CXIX aniversário da Polícia Militar capixaba.

Na sua caminhada centenária, a milícia espiritosantense multiplicou o efetivo, aparelhamento e eficiência originais, visando sempre o bom desempenho das suas elevadas finalidades. Trocou várias vezes o nome primitivo de Guarda de Polícia Provincial, para Milícia



PATRONO DA PM

Cap. João Antunes Barbosa Brandão

Cívica, Guerrilha, Companhia de Polícia, Corpo de Segurança, Corpo Militar de Polícia, Regimento Policial Militar, Fôrça Pública e, finalmente, para Polícia Militar. Nunca trocou, no entanto, em tôda a sua gloriosa existência, a verticalidade soberana da sua conduta de guardiã da Lei e fiadora da Ordem e da Justiça no território do Estado.

Tem, a PM capixaba, como patrono, o cap. João Antunes Barbosa Brandão, heroico titular do império, ten. cel. honorário do Exército, e que a conduziu vitoriosamente na campanha contra as hostes de Solano Lopez.

"Militia" saúda a Polícia Militar do Estírito Santo, augurando-lhe constante progresso nos mais variados setores da sua atividade, para garantia de bem-estar do povo capixaba e brasileiro.

GOIÁS

COGITA-SE DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE POLÍCIA

O ten. Mauro de Freitas, atual diretor da Guarda Civil e ex-delegado de polícia de Goiânia, oficial dos mais capazes e eficientes da PM goiana, sentindo as deficiências da polícia civil, tanto técnicas como profissionais, estuda, presentemente, coadjuvado por outras autoridades, um plano a ser submetido à apreciação da secretaria do Interior e Justiça, visando a fundação de uma Escola de Polícia.

O futuro estabelecimento de ensino especial terá os cursos profissional, técnico e superior.

Pelo que se sabe, o governador Pedro Ludovico e o secretário do Interior e Justiça, sr. Misach Ferreira, apoiam a iniciativa do ten. Mauro.

MARANHÃO

CURSOS DE FORMAÇÃO

Realizou-se, neste mês, o encerramento dos cursos de Aperfeiçoamento de Sargentos e Formação de Cabos e Sargentos, tendo sido aprovados 23 cabos e promovidos 14 ao posto de 3.º sargento, ficando, os restantes, aguardando vaga de acordo com a classificação final. Os sargentos, com o aperfeiçoamento adquirido, classificaram-se para as graduações imediatas até sub-tenente, inclusive. Já se iniciou um novo curso de formação de graduados, com 54 candidatos, sob a orientação sadia do major intrutor Artur Teixeira de Carvalho e um corpo

de instrutores selecionados da PM, todos com o Curso de Aperfeiçoamento da P.M.D.F.

— :: —

Vem de ser distinguida para a cadeira de Polícia Judiciária, do Curso de Sargentos da PM, a caudada, Flor de Liz Vieira Nina, filha do saudoso capitão Nina; para a Cadeira de Educação Física e Pedagogia, do Colégio Maranhense, foi distinguido o 1.º ten. Eurípedes B. Beserra, nosso representante, em S. Luís do Maranhão.

POLÍCIA JUDICIÁRIA

Das 84 cidades do Estado, 12 estão servidas por oficiais da Polícia Militar, e 48 por sargentos; no cargo de Delegados Especiais e de Polícia, que vêm desempenhando a contento geral, afastando a odiosidade política reinante no interior e adotando medidas enérgicas recomendadas pela Chefia de Polícia, no tocante à manutenção da ordem, tranqüilidade pública e assistência social.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

Procedentes do Rio de Janeiro, onde cursaram a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da PMDF, apresentaram-se nesta corporação os cap. Antônio Alves Gondim, tens. Emílio dos Santos Vieira e Eurípedes Bernardino Beserra, os quais vieram de concluir, com brilhantismo, o referido curso. Seguiram ao Rio, para cursar aquela mesma escola, neste ano, os 1.º tens. Raimundo Nonato dos Santos e Antônio José Ribeiro. Seguirá, no próximo mês de junho, com o mesmo destino, para fazer o curso de Motomecanização do EB, o cap. Pedro de Souza Brito.

Os que sabem beber



preferem

Cognac 5 Estrelas

DUBAR

Rigorosamente produzido com destilado de *vinhos naturais* de uva, de qualidade superior, e submetido à longa maturação em tonéis de carvalho, donde adquire o aroma agradável que caracteriza um conhaque de classe.

Grátis

Remeta-nos o seu endereço e receberá um folheto com receitas dos melhores coquetéis Dubar.

AGÊNCIA DUBAR DA CIA. ANTARCTICA PAULISTA
R. Frederico Steidel, 156 - 1.º - Tel. 52-6337 - S. Paulo

Há uma delícia Dubar para cada paladar

COMPANHIA DE FUZILEIROS

O sr. governador do Estado enviou mensagem à Assembléa Legislativa pedindo a criação de uma Companhia de Fuzileiros para atender às necessidades do policiamento no interior do Estado que, dia a dia, se desenvolvem assustadoramente, com as emigrações nordestinas. Há tendência de criação, para o próximo ano, de mais uma Companhia de Policiamento, com sede em Caxias, berço do sr. Eugênio Barros, governador que não tem medido sacrifícios para atender às principais necessidades da Corporação, desde a reconstrução de nosso quartel, em vias de conclusão, aos constantes reajustamentos de vencimentos, salários e vantagens.

MOVIMENTAÇÃO DE OFICIAIS

Foram designados: para comandar a Guarda Civil, o cap. José Dias de Carvalho; para o comando da Cia. de Bombeiros, o 1.º ten. Leobino Serrão Tupinambá; para comandar a Guarda Portuária, o 2.º ten. Benedito Baima do Lago; para inspetor militar da Zona Centro, o ten. Ribamar Fortes, que se exonerou do cargo de delegado da Capital; para inspetor militar da Zona do Mearim, o ten. Ribamar Braga; e para inspetor da Via Férrea, o cap. Gonçalves Filho.

MATO GROSSO

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA DA PM

Foi nomeada, pelo cel. Comandante Geral, uma comissão composta pelos tens. ceis. João Gutemberg Alves Ferreira e Temístocles Aristeu de Carvalho, major Ubaldo Monteiro

da Silva e capitães Ari Conceição e Cid Teodoro do Espírito Santo, com a finalidade de elaborar o ante-projecto de ampliação do Regulamento da Caixa de Previdência e Assistência da Polícia Militar, a fim de que melhor possa servir aos seus associados.

ITINERANTE

Transitou pelo Pôrto de Cuiabá, com destino ao Amazonas e outras unidades do Norte, o 2.º sgt. da PM do Distrito Federal, Ari Cunha. Decidiu este graduado, embora «carrioca de gema», gozar suas férias anuais excursionando pelo interior do País, longe da vida trepidante da metrópole brasileira. Este miliciano, como bom patriota, preferiu a zona inóspita do Inferno Verde deste Brasil imenso, ao invés de ir gastar dólares em Paris ou Monte Carlo. Mesmo porque «milico» não ganha para isso...

MINAS GERAIS

NOVO COMANDO PARA A PM

Recentemente nomeado, pelo governador do Estado, para o cargo de comandante geral da Polícia Militar, vago com a exoneração, a pedido, do cel. Nélio Cerqueira Gonçalves, assumiu, no dia 12 dêste, aquelas elevadas funções, o cel. Egídio Benício de Abreu, elemento da própria corporação.

Foi das mais concorridas a solenidade de transmissão de comando. Ao ato, que teve lugar na sede do Comando Geral, compareceram o representante do governador do Estado, o vice-governador, o presidente da Assembléa Legislativa, secre-

tários de Estado, representantes do comandante da ID-4, das unidades do Exército e da PM, sediadas na capital, e quase a totalidade dos oficiais da milícia, presentes em Belo Horizonte.

Fala o antigo comandante

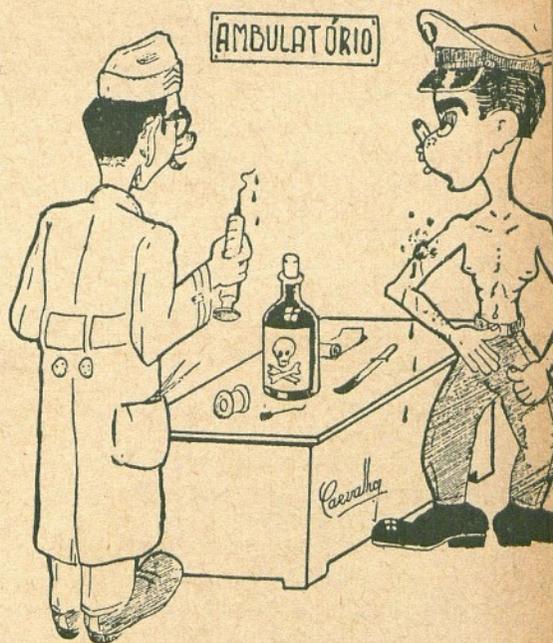
Após a leitura do ato de nomeação do novo comandante falou o cel. Nélio C. Gonçalves que, inicialmente, disse da emoção com que deixava o comando «da gloriosa milícia cuja história e cujo destino se identificam com o destino e a história da terra dos Inconfidentes».

Ao ressaltar os benefícios que a Polícia Militar recebeu da atual administração, rememorou alguns deles: aumento dos vencimentos do pessoal, ajuda de custo, melhoria nas verbas de fardamento e material de consumo, importação direta, dos Estados Unidos, de grande número de capacetes de aço e de fibra e material de equipamento, aquisição de uma frota de veículos modernos e possantes, melhorias no Departamento de Instrução, construção de modernos prédios destinados às unidades de Barbacena e Diamantina, melhoria nas instalações do 4.º e 8.º B.I., do Esquadrão de Cavalaria e Hospital Militar e a criação do Batalhão de Guardas.

O cel. Nélio Cerqueira enaltece, depois, a colaboração que recebeu da Missão Militar Instrutora, do chefe do Estado Maior, tenente-coronel Antônio Heliodoro dos Santos, dos comandantes e oficiais de diversas unidades e faz uma profissão de fé na Polícia Militar, afirmando: «Sob a vibração destes elevados sentimentos, dirijo aos meus camaradas um apêlo e uma exortação. Jamais a

Polícia Militar gozou de tamanho apreço na sociedade como nos dias presentes. Não permitais que este conceito decaia, antes fazei que êle cresça e se consolide cada vez mais. A Polícia Militar é um patrimônio de valores morais do povo mineiro. Conservá-lo e enriquecê-lo é dever de cada um de nós. Orgulhai-vos de vossa farda. Não somos uma casta de privilegiados a não ser que como tal se considere o privilégio de levar uma vida de sacrifícios a serviço do povo. O destino histórico de nossa Corporação não nos permite subestimar o seu valor, nem nos consente abrir mão de sua dignidade».

Ao concluir o seu discurso, o orador faz elogio do seu sucessor.



O ZE CHALEIRA

— Sua mão é tão firme, Sargento, que até dá gosto tomar injeção com o senhor...

(De Libertas, n.º 3)

Integração da PM na Sociedade

O ponto principal do discurso do novo comandante geral refere-se à maior integração da Polícia Militar na sociedade, em vista da sua utilidade pública. «A Polícia Militar é, na sociedade, um organismo de dupla atuação. Ela se coloca como reserva do Exército Nacional, vestindo e praticando as normas do militarismo, preparando-se para eventual conclamação. No fiel desempenho dessa missão a passado pode responder por ela».

Diretrizes

«Na conservação e aprimoramento das qualidades exigidas por este setor, temos recebido os ensinamentos e diretrizes dos brilhantes oficiais que integram a Missão Militar Instrutora e que através do Departamento de Instrução transfudem os conhecimentos da arte de guerra, para nosso complemento e atualização.

A essa Missão Instrutora, eu presto a minha homenagem, convicto de que, no meu Comando, ela terá o campo necessário para ministrar o que sabe e o que devemos aprender.

Sempre fui apologista da instrução militar como base de trabalho. Daremos ao preparo militar, o volume de atenção que lhe é devido e procuraremos manter, com as Fôrças Armadas, a estreita amizade e o clima de camaradagem, necessários ao entrosamento e manutenção da ordem.

O outro setor de atividades configura-se na função do policial. Ela se faz como utilidade pública, transformando a Corporação em parcela

da Sociedade e não um apêndice; promovendo o seu bem-estar; fazendo-se sentir, em tôda a sua plenitude, como fator de manutenção da ordem, da majestade da Lei, da integridade dos costumes. Disseminada no interior do Estado, através da modestia provinciana de um destacamento de 2 homens, retrata, ali, a garantia das Instituições, rescende confiança entre os cidadãos, move o fiel da Justiça, desfaz arengas e, não raro, promove soluções.

Pois, esta Polícia Militar está disposta a tornar-se colaboradora íntima e eficaz, com a Polícia Civil, e no meu comando, desde que falem os interesses do Estado, em prioridade, daremos o indispensável apóio à repressão ao crime, às diligências policiais, à cooperação de urgência.

Parcela da sociedade, como afirmamos, daremos, na observância do texto legal e na pessoa de cada soldado, o testemunho de que o zêlo e o interêsse pelas causas da sociedade, confundem-se com a própria personalidade do nosso policial.

Em qualquer painel da vida social, encontraremos o soldado dando a mão ao cego, protegendo a infância, amparando o velho; encontra-lo-emos mantendo a ordem, zelando pelo patrimônio de cada cidadão, conquistando, a exemplo das grandes Polícias do Universo, a simpatia e a gratidão do habitante da aldeia ou da cidade.

Imprensa

Em qualquer página da vida social, teremos a Corporação, ouvindo a Imprensa falada e escrita, a rautos dos reclamos e das esperanças do povo, procurando identificar,

no redator e locutor anônimos, os sentinelas das instituições, os defensores dos direitos do cidadão.

E, à boa Imprensa, esta Casa estará sempre aberta a fim de receber, com simpatia, as críticas construtivas à administração.

— o —

Depois de homenagear o governador do Estado «que tem se colocado sempre ao lado da Polícia Militar, não se negando a um esforço de grandes proporções, para uma evolução sensível dos nossos anseios e recursos», fêz, o coronel Benício, o elogio do cel. Nélio Cerqueira. Do ex-comandante disse o cel. Benício de Abreu que «nele encontramos aquela objetividade, aquela argúcia de espírito, aquela operosidade, tudo em consenso com o bem comum e o escopo de progresso da nossa corporação».

Gabinete

O novo comandante geral escolheu os seguintes elementos para participarem do seu gabinete: chefe, major Afonso Heleodoro dos Santos;

adjuntos, cap. Geraldo Esteves da Silva e ten. Luciano Antônio dos Santos; adjunto-secretário, ten. Valter Viana; adjunto de administração, ten. Hélio Milagres de Matos; ajudantes de ordens, tens. Silvio de Souza e Carlos Augusto da Costa (êste último é o representante de «Militia» junto à PM mineira); oficial de relações públicas, ten. José Vale.

NOVO REGULAMENTO PARA A CAIXA BENEFICENTE

A Caixa Beneficente da P M, que desde 1911 vem proporcionando assistência aos elementos da corporação, vem de ser disciplinada em bases mais atuais e o respectivo regulamento foi baixado com o decreto n.º 4202, de 22.3.54, publicado no «Minas Gerais» de 23.3.54.

RIO DE JANEIRO

ANIVERSARIO DA PM

Transcorreu, a 14 dêste mês, o 119.º aniversário da Polícia Militar, que tantos e tão assinalados serviços tem pres-

— // —



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

tado à coletividade, efeméride sumamente grata aos homens que compõem a briosa corporação. Diversas solenidades foram programadas, destacando-se, entre elas, a inauguração da Escola de Formação de Oficiais.

O ato inaugural, que contou com a presença do almirante Ernani do Amaral Peixoto, teve grande repercussão dentro da corporação. O governador dos fluminenses foi, na ocasião, saudado pelo ten. cel. médico Moacir Bogado, achando-se ainda presentes: o cel. Pedro Romeiro Viana, diretor da EFO; cel. Radamés Guimarães, comandante do 1.º Batalhão; gen. Luís Braga Muri; cel. Lourival Ventura, comandante do 2.º Batalhão; cel. EB Gerardo Lemos do Amaral, diretor dos Correios e Telégrafos; major Walter Zulmiro Pereira de Castro, representante de "Militia"; cel. Antônio Musi Alves Pinto, chefe do EM; ten. cel. Milton de Brito Rodrigues, assistente do pessoal; major João Batista Vieira, chefe do Serviço de Rádio; major José Couto do Nascimento, diretor dos Cursos; numerosos outros oficiais e pessoas gradas.

Registrando o fato, "Militia" apresenta, ao comando e demais elementos da PM fluminense, um porvir esplendoroso, pontilhado de empreendimentos no sentido do bem público.

CLAMAM OS INATIVOS POR MELHORES PROVENTOS

A classe dos inativos da PM fluminense, desde há muito tempo, não recebe favores ou benefícios legais que tenham por fim melhorar os proventos dos que a constituem, mormente em face da angustiosa situação criada pelo aumento sempre crescente do custo da vida. Homens que deram o melhor dos

seus esforços, alguns até terrivelmente marcados pela invalidez, também para a vida civil, tudo a serviço da Pátria, encontram-se, hoje, em tremendas dificuldades, graças aos vencimentos ínfimos, miseráveis mesmo, que recebem.

Espera-se, pois, que o governo fluminense, lembrando-se desses velhos servidores, inicie as medidas que visem sanar tal injustiça, para que possam elas se traduzir em atos que venham dar um pouco de estímulo e recursos de vida mais consentâneos com a sua condição de seres humanos.

RIO GRANDE DO SUL

OFICIAL A DISPOSIÇÃO DA SIJ

O governo do Estado, por ato de 30 de março último, ante a argumentação apresentada pela Secretaria do Interior e Justiça, resolveu colocar à disposição do respectivo titular, a fim de prestar serviços no Departamento de Polícia Civil, o 1.º ten. Benjamim Bernardes Torres.

GENTILEZA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE

A Universidade do Rio Grande do Sul, através de seu magnífico reitor, prof. dr. Eliseu Paglioli, vem de ter uma deferência especial para com a Brigada Militar, colocando à disposição do seu Centro de Instrução Militar, os professores e os gabinetes de Física e Química da Universidade, bem como os professores, salas e gabinetes de Criminalística e Criminologia, da Faculdade de Direito.

O gentil oferecimento teve lugar quando de uma visita que o magnífico

reitor realizou, a convite do comando, no dia 30 de março último, àquele CIM.

ALTERADO O REGULAMENTO DA BM

Por decreto do dia 24 de março último, o govêrno gaúcho mandou dar nova redação ao Art. 9.o do Regulamento Geral da Brigada Militar, aprovado pelo Dec. 67, de 14-8-48. Ficou assim redigido aquêlê artigo:

“Art. 9.o — O cargo de Comandante Geral é de confiança e de livre escolha do Governador do Estado, dentre os coroneis e tenentes-coroneis do quadro de combatentes da ativa.

“§ 1.o — Quando, em face do disposto na primeira parte dêste artigo, a colha não recair em qualquer dos oficiais de pôsto mais elevado do respectivo quadro, o cargo de Comandante Geral será provido por comissão ou promoção.

“§ 2.o — A juízo do Governador do Estado, poderá, excepcionalmente, ser atribuído êsse cargo, também em comissão, a oficial superior do serviço ativo do Exêrcito Nacional.

“§ 3.o — O oficial que se achar no Comando Geral da Fôrça, nomeado nas condições dêste artigo, e, a qualquer tempo, for transferido para a reserva, por limite de idade ou outro dispositivo de lei, poderá ser mantido, a juízo do governador do Estado, no desempenho das referidas funções, até o término do mandato do Chefe do Poder Executivo que o nomeou.

“§ 4.o — Para efeito do que dispõe o parágrafo anterior, o oficial, ao ser transferido para a reserva, será incontinênti, por outro ato convocado para o serviço ativo”.

“Art. 2.o — Revogadas as disposições em contrário, êste decreto retroagirá sua vigência a 30 de Dezembro de 1953”.

TRANSFERENCIA PARA A RESERVA E CONVOCAÇÃO DE OFICIAL

Como decorrência do decreto que acima transcrevemos, por ato de 26 de março último, foi transferido para a reserva remunerada da Brigada Militar, a contar de 30 de Dezembro de 1953, o cel. Venâncio Baptista. Na mesma data o oficial em apreço foi convocado para o serviço ativo da corporação.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA
EXÊRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

— :: —

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397 — End. Teleg. «ARGUIISO» — S A O P A U L O



Direção do Cap. Francisco A. Bianco Jr.

GALERIA DE VALORES

A galeria dos nossos valores estampa, neste número, a figura de um grande esportista:

Soldado ONOFRE GABRIEL DE SOUZA.

Idade: 27 anos.

Natural de Barretos (Estado de Paulo).

Unidade: Regimento de Cavalaria (adido ao 6.º B.C.).

Especialidade desportiva: Halterofilismo.

Sócio do Clube Santista de Halterofilismo, possuidor de uma compleição muscular invejável, o sd. Onofre já praticou vários desportos, especializando-se na difícil modalidade dos «halteres». Jovem ainda, controlado e metódico, grangeando sempre por suas qualidades morais a simpatia dos seus companheiros de farda e da comunidade desportiva santista, o respeitado pesista sd. Onofre pode antever um futuro brilhante como atleta.

Halterófilo militante, iniciou-se modestamente em reuniões amistosas, no círculo dos seus companheiros e amigos, sem a pretensão natural dos que progridem assombrosamente, como foi o seu caso, pois, iniciado em 1952, possui já vários recordes paulistas e até brasileiro, embora não homologados.

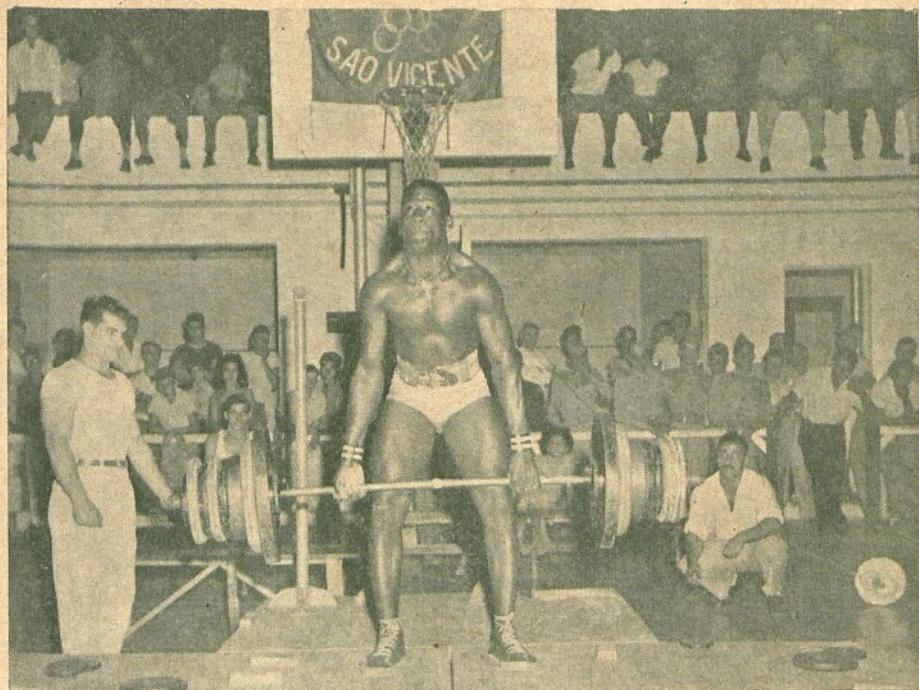
Regularmente inscrito no Clube Santista obteve, dentre os seus bons resultados, os seguintes:

Em 19-7-52 — Campeonato Aberto para Qualquer Classe — Categoria de meio-pesado — Vencedor com dois recordes paulistas:

250 Kgs. de levantamento de terra, e 585,5 Kgs. de total.

Em 13-11-52 — 1.º Campeonato Rústico de Levantamento de Pesos, patrocinado pelo Clube Santista e pelo jornal «A Tribuna» de Santos. — Vencedor da categoria de meio-pesado, com um arremesso de 100 Kgs.

Em 25-11-52 — 1.º Campeonato do Interior de Levantamentos Olim-



Sd. Onofre Gabriel de Sousa

picos (realizado em Campinas) — Vencedor na categoria de meio-pesado, com um total de 260 Kgs.

1.º Campeonato do Interior, de Exercícios Básicos — Vencedor na categoria de meio-pesados, com um total de 620 Kgs.

Em 25-10-53 — II Campeonato do Interior de Levantamentos Olímpicos (realizado em Santos) — Obteve o 3.º lugar.

— II Campeonato do Interior, de Exercícios Básicos — Vencedor na categoria de meio-pesado, obtendo uma grande vitória, marcando um expressivo recorde brasileiro para o agachamento com 200 Kgs. e um

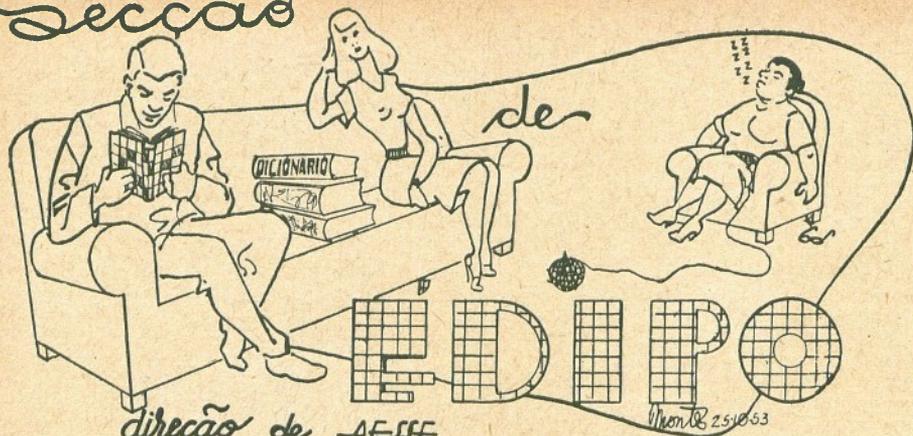
novo recorde de total para o interior, com 627,5 Kgs.

Em 16-12-53 — I Campeonato Santista de Levantamentos Olímpicos, competindo na classe de pesados. Vencedor com 280 Kgs. de total.

Em 23-12-53 — I Campeonato de Exercícios Básicos, na classe de pesados. Vencedor com um total de 640 Kgs.

Este Departamento de «Militia» augura as maiores felicidades ao soldado Onofre, e aguarda nova quebra de recordes, esperando que seu nome tenha no meio do halterofilismo uma projeção internacional.

Secção



direção de AESSÉ

2.º TORNEIO DE 1954

ABRIL — MAIO — JUNHO

REGULAMENTO

Nossos torneios compreenderão os trabalhos publicados em três números de "MILITIA".

Cada trabalho decifrado valerá um ponto.

São aceitas charadas antigas, novíssimas, casais, auxiliares e sincopadas.

São também aceitos problemas de palavras cruzadas, logogrifos em prosa e verso e enigmas charadísticos, figurados e pitorescos.

Os trabalhos enviados deverão ser organizados pelos "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, Jaime de Seguer e monossilábico, de Japiassú.

Em cada torneio serão conferidos os seguintes prêmios: ao 1.º classificado, um dicionário; aos que decifrarem mais de 50% dos problemas, uma obra literária, mediante sorteio.

O prazo para a remessa das soluções será de 60 dias, contados do último dia do mês seguinte ao que se refere a revista.

Toda colaboração referente a esta secção deverá ser dirigida à redação de "MILITIA" e endereçada a "Aesse".

ENIGMA CHARADÍSTICO

- 1 — Ao Pompeu Júnior
Se com graça começar
Esta quadrinha banal,
Terá graça no final
Se não fugir ao rimar.

Idyla

- 2 — + curso = encontro
+ timo = idiota
+ lo = idiota.

Conceito = Que existe em forma material.

Silvosky

- 3 — + GU = Qualquer ensopado ou guisado
+ LHA = Barulho
+ MA = Mistura de argila e água

Conceito = Advogado chicaneiro

Josi

CHARADAS NOVISSIMAS

- 4 — E' muita ousadia aparecer em um baile campestre fantasiado de carapinhé. 2 - 2.

CON Y TRA

- 5 — Há indivíduo que tem implicância até com o nome de uma árvore. 2-3.

POMPEU JÚNIOR

- 6 — Cuidado com o dorso! Lá vem o capanga. 2 - 2.

SÉRGIO PATRÍCIO

- 7 — Achar cada camada de cortiça nos sobreiros rija, é um desastre. 2 - 2.

SERROT

CHARADAS SINCOPADAS

8 — Perder parte de seus bens não é coisa de bom agouro. 3 - 2.

P.Q.NINO

9 — A tortura é um ato errado. 3 - 2.

Plínio D. Monteiro

10 — Se conseguires chegar ao pequeno planalto, terás atingido o alvo. 3 - 2.

P.Q.NINO

11 — O grande morcego do São Francisco, em Minas é branco. 3 - 2.

C. Bento

CHARADAS CASAIS

12 — Com a secca, ficou vazio o afluente do Volga. 2.

CON Y TRA

13 — O comentário está explicado, claramente, por esta palavra. 2.

Plínio D. Monteiro

14 — Com desusado interesse, o soldado olhava a farda meio gasta. 4.

OLIN-P.S.

15 — A fidalguia não é atributo apenas de gente ilustre. 2.

POMPEU JÚNIOR

— :: —

SOLUÇÃO DO 4.º TORNEIO DE 1953

1 — Quem guarda acha; 2 — Tornado; 3 — Maracanã; 4 — Sinagoga; 5 — Patamar; 6 — Entrebanho; 7 — Marcado; 8 — Penosa; 9 — Parado-a; 10 — Marajá-ó; 11 — Certa-o; 12 — Cachorra-cara; 13 — Carimbo-cabo; 14 — Conceito-conto; 15 — Peregrino-peno; 16 — Branco ou preto mulato nunca; 17 — Papa-fina; 18 — Perigosa; 19 — Alabama; 20 — Corja; 21 — Pisadura; 22 — Quebra-freio; 23 — Cabriola-cala; 24 — Alfazema-alma; 25 — Medita-meta; 26 — Galucho-gacho; 27 — Bocó-a 28 — Temo-a; 29 — Galharda-o; 30 — Fria-o; 31 — A fé nas obras se vê; 32 — Carioca; 33 — Bodega; 34 — Bom moço; 35 — Passagem; 36 — Maluco; 37 — Mar-mota; 38 — Rótulo-rolô; 39 — Nula; 40

— Gralhada-grada; 41 — Pretexto-preto; 42 — Batido-a; 43 — Sica-o; 44 — Pelejo-a; 45 — Corredigo-a.

PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS: — Ba — Al — Alar — Alibis — Sa — Retrós — Id — Regato — Rasa.

VERTICAIS: — Balística — Alabardas — Al — Rí — Airar — Sesgo — Er — Ta.

PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS: — Ufano — Silos — Osso — Agir — Cão — Ali — Ac — Mo — Dar — Ita — Aria — Atar — Trele — Ousem.

VERTICAIS: — Usso — Fio — Al — Noa — Osga — Ocada — Sacar — ilota — Rimar — Rito — Item — Aru — Ale — Es.

PROBLEMA N.º 3

HORIZONTAIS: — Via — Ara — Liar — Estalido — Saraca — Iara — Air — Rim.

VERTICAIS: — Voe — Altair — Aricar — Aro — Iara — Alar — Ss — Da — La — Um.

PROBLEMA N.º 4

HORIZONTAIS: — Aniversários — Nora — Eu — Arca — Oratória — Al — Ararás — Ba.

VERTICAIS: — Anta — Nô — Irô — Vara — Reta — Suor — Rais — Irá — Oc — Saca — Ar — Rá.

PROBLEMA N.º 5

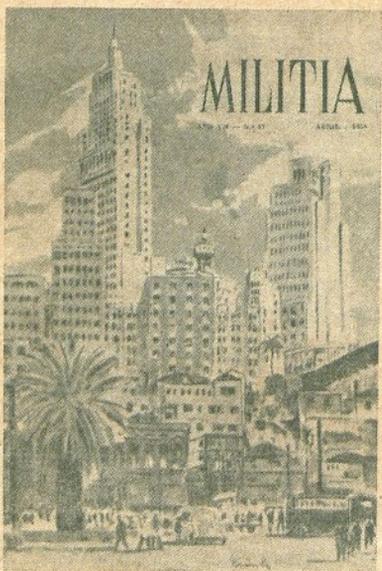
HORIZONTAIS: — Ara — Areca — Um — Ba — Som — Mar — Alo — Iqá — Ra — Or — Racas — Ras.

VERTICAIS: — Ar — Rês — Ac — Amolar — Abacos — Usar — Arar — Mo — Miaca — Ar — As.

— :: —

AUTORIA DE TRABALHO

O enigma charadístico publicado no número passado, é de autoria do confrade Olin, de Santos.



NOSSA CAPA

A Megalópolis paulista, vista do parque Pedro II (detalhe de aquarela de Lienky — Coleção Anchieta).

